

**ANDRÉIA VASQUES BORGES**

**O IDEAL DE NAÇÃO DO MOVIMENTO AUTONOMISTA  
CUBANO E DA ELITE AÇUCAREIRA OCIDENTAL  
EXPRESSO EM SEUS DISCURSOS E AÇÕES DE  
INCENTIVO À IMIGRAÇÃO (1878 – 1898)**

**GOIÂNIA  
2004**

**ANDRÉIA VASQUES BORGES**

**O IDEAL DE NAÇÃO DO MOVIMENTO AUTONOMISTA CUBANO  
E DA ELITE AÇUCAREIRA OCIDENTAL EXPRESSO EM SEUS  
DISCURSOS E AÇÕES DE INCENTIVO À IMIGRAÇÃO**

**(1878-1898)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás.

Orientador: Prof. Dr. Eugênio Rezende de Carvalho

**GOIÂNIA**

**2004**

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

ANDRÉIA VASQUES BORGES

O IDEAL DE NAÇÃO DO MOVIMENTO AUTONOMISTA CUBANO E DA  
ELITE AÇUCAREIRA OCIDENTAL EXPRESSO EM SEUS DISCURSOS E  
AÇÕES DE INCENTIVO À IMIGRAÇÃO (1878-1898)

**Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de  
Mestre em História junto ao Programa de Pós-Graduação em História da  
Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de  
Goiás, pela seguinte banca examinadora:**

**Prof. Dr. Eugênio Rezende de Carvalho**  
Departamento de História, UFG  
(Presidente – Orientador)

**Profa. Dra. Olga Rosa Cabrera Garcia**  
Departamento de História, UFG

**Profa. Isabel Cabrera Ibarra**  
Faculdade de Educação, UFG

**Prof. Libertad Borges Bittencourt**  
Departamento de História, UFG  
(Suplente)

Goiânia, 09 de julho de 2004.

*Ao meu filho, que é um presente de Deus,  
que veio produzir em mim um desejo cada  
vez mais forte de lutar por dias melhores.*

## AGRADECIMENTOS

Ao professor Eugênio Rezende de Carvalho, pela dedicação, profissionalismo e segurança proporcionada e pelo modo compreensível com que me orientou nesta pesquisa.

Às professoras Olga Cabrera e Isabel Ibarra pela avaliação ocorrida no processo de qualificação que antecedeu a defesa desta dissertação, ocasionando o bom andamento do trabalho.

Agradeço a Deus, pois, sem a presença dele em mim, certamente este trabalho não haveria se concretizado. “Porque dele, por ele e para ele são todas as coisas”.

*Quem é como o sábio? E quem sabe a interpretação das coisas? A sabedoria do homem faz reluzir o seu rosto, e muda-se a dureza da sua face.*

*Eclesiastes 8:1*

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO</b>	10
<b>Capítulo I – O CONTEXTO DAS GUERRAS CUBANAS DE INDEPENDÊNCIA</b>	18
• Política, economia e sociedade açucareiras	18
• O contexto da primeira guerra de independência (1868-1878)	22
• O contexto da segunda guerra de independência (1895-1898)	26
<b>Capítulo II – O MOVIMENTO AUTONOMISTA CUBANO</b>	32
• A Historiografia sobre o autonomismo cubano	32
• Caracterização geral do autonomismo cubano	34
• A questão nacional no discurso autonomista	37
• Contradições e fracasso do projeto autonomista	45
• Os projetos de dependência e libertação	50
<b>Capítulo III – A ELITE AÇUCAREIRA OCIDENTAL CUBANA E SUA POLÍTICA MIGRATÓRIA</b>	56
• O fenômeno migratório cubano na historiografia	56
• A política migratória da elite açucareira ocidental	58
• Os projetos de contratação de trabalhadores espanhóis	64
• A economia do açúcar e a ênfase dos discursos na independência econômica	72
<b>Capítulo IV – AUTONOMISTAS E ELITE AÇUCAREIRA OCIDENTAL: UM IDEAL COMUM DE NAÇÃO</b>	79
• Discursos e representações da nação cubana	79
• A eugenio e os projetos de imigração branca	82
• O ideal comum de nação das elites cubanas	88
<b>CONCLUSÃO</b>	93
<b>BIBLIOGRAFIA E FONTES</b>	99

## **RESUMO**

O processo de formação nacional desencadeado em Cuba, ainda que manteve certas características comuns aos demais fenômenos formadores de nações, conservou algumas particularidades que nos leva a uma reflexão acerca de seu estudo. O fenômeno da imigração esteve fortemente articulado a este processo, sendo promovido por determinados grupos econômicos e políticos que atuaram na ilha, visando seus interesses particulares. Assim, pretendemos, nesta pesquisa, visualizar o ideal de nação almejada, por estes grupos, através de seus discursos e projetos de imigração, bem como sua articulação com o movimento autonomista cubano. O período compreendido neste estudo, abrange desde o ano de 1878, momento em que finalizava a primeira guerra de independência cubana até 1898, quando cessava o domínio espanhol, ao mesmo tempo em que verificou-se a formação de uma consciência nacional de grande expressividade em Cuba. Diversos ideais de uma Cuba autônoma e de uma nação homogênea foram disseminados, mas todavia o fracasso do autonomismo não pôde ser evitado, quando os Estados Unidos instauravam um governo militar em Cuba. Assim, investigamos o caráter do movimento autonomista cubano, juntamente com as práticas e discursos de alguns de seus expoentes e suas contribuições no processo de construção da nação cubana.

## **ABSTRACT**

The national formation process started in Cuba, although Keeping certain characteristics in common with other phenomena of nation formations, has maintained some particularities that leads us to reflect and study it. The immigration phenomenon has strongly been involved with this process, which was promoted by determined economic and political groups acting in the island and looking for its own interests. In this research, we intend to visualize the ideal nation targeted by these groups through their speeches and immigration projects, as well as its articulation with the Cuban autonomist movement. The period considered in this study comprises from the year 1878, year that finalized the first Cuban independence war, to the year 1898, when the Spanish domain in the island ceased. The space-time cross-section privileged by us was the awakening moment to the idea of getting autonomy from the Spanish domain, at the same time in which it was verified the formation of a national conscience of great expressiveness in Cuba. Many ideals of an autonomous Cuba and of a homogeneous nation were disseminated, however the failure of autonomy could not be avoided when the United States of America established a military government in Cuba. Then, we investigated the character of the Cuban autonomist movement, together with the practices and speeches of some of its exponents and their contributions in the construction process of the Cuban nation.

## INTRODUÇÃO

Este estudo toma como alvo de análise específico o processo de formação da nação em Cuba, levando em conta sua profunda articulação com o fenômeno da imigração. Se é um fato que a história nacional desse país caribenho esteve assim marcada por um intenso movimento imigratório, é importante ressaltar que tal movimento foi promovido fundamentalmente por determinados grupos econômicos e políticos que interagiam na ilha e que buscavam construir uma nação de acordo com seus interesses e anseios particulares. Nosso pressuposto, no âmbito deste trabalho, é de que tais grupos eram constituídos basicamente, no campo econômico, por aqueles indivíduos que se encontravam associados à economia açucareira da região ocidental da ilha e, no campo político, por aqueles representantes do movimento autonomista desencadeado em Cuba no decorrer da segunda metade do século XIX e, mais precisamente, após a malograda guerra de independência ocorrida entre 1868 e 1878.

O presente estudo abarca o período que vai do ano de 1878, ou seja, do fim da primeira guerra de independência cubana, ao ano de 1898, que marca o fim do colonialismo espanhol na ilha e uma nova etapa no intrincado processo de independência política, quando os Estados Unidos assumem o governo militar em Cuba. Essas duas décadas que compõem o período estudado (1878-1898) representaram um momento de um grande despertar para a idéia de autonomia frente ao domínio espanhol na ilha. Após o término, em 1878, da primeira experiência de luta independentista, verifica-se um momento de formação de uma consciência nacional de grande expressividade. É quando

afloram ideais de uma Cuba autônoma composta por uma nação homogênea. O fracasso desse movimento autonomista se dará exatamente em 1898, quando os Estados Unidos acabam por instaurar um governo militar em Cuba – após terem se incorporado à guerra independentista dos cubanos, contribuindo para a vitória sobre as forças espanholas – oficializando, assim, a independência cubana frente ao domínio espanhol.

Considerando tal recorte espaço-temporal, o objetivo deste trabalho é investigar o caráter do movimento autonomista cubano, as práticas e discursos de alguns de seus expoentes, suas articulações com os representantes da elite açucareira ocidental, as idéias e interesses que marcaram as ações desses grupos e, por fim, suas contribuições no processo de construção da nação cubana. Pressupõe-se que havia um ideal de nação imaginada por estes grupos autonomistas e pela elite açucareira ocidental, no qual o peso racista era preponderante e inerente ao modelo de nação pretendida. Foi sobretudo com base em tal critério racial que um projeto de construção nacional em Cuba foi levado a cabo por estes grupos, que buscaram materializá-lo mediante o recurso do incentivo à imigração espanhola para a ilha, tendo em vista que este tipo de imigrante era de cor branca. Assim, tais imigrantes brancos e espanhóis eram invocados, enquanto os mais adequados e mais capacitados, como sujeitos privilegiados da cultura nacional então almejada por estes grupos em estudo. É preciso ter em conta que o período em estudo corresponde ao momento em que a escravidão acabara de ser abolida em Cuba e que os ideais racistas de modernidade preconizados na Europa encontravam-se plenamente disseminados no pensamento cubano.

O debate acerca da formação da nação cubana é rico e abrange uma ampla gama de questões, como, por exemplo, quais seriam os momentos ou acontecimentos decisivos que teriam consolidado uma consciência nacional, com ênfase em geral para o momento correspondente ao final do século XIX e os acontecimentos situados nesse período. Por outro lado, questões como o fenômeno das trocas culturais e das relações interétnicas são constantemente ressaltadas como meio de compreensão da nação cubana. Nesse debate, a questão autonômica é reiteradamente abordada como um processo de

preparação para a formação da nação cubana. Entretanto, ao analisar as ações e discursos dos representantes do movimento autonomista cubano, a fim de identificar seus ideais de nação, este trabalho pretende demonstrar o quanto tais ideais orientavam-se menos por um desejo real de soberania política do que pelas questões econômicas e culturais.

Problematizando a questão em estudo, cabe perguntar se as forças autonomistas estiveram mais comprometidas com seus próprios interesses em detrimento da soberania nacional. Ou ainda, em que medida estiveram articuladas em benefício dos interesses açucareiros, utilizando a política migratória como instrumento de apoio à construção de uma nação branca. Ao que tudo indica estas duas forças se nutriram entre si e estiveram prontas a negociarem e submeter-se ao controle externo com o intuito de garantia do sistema açucareiro.

Com o propósito de enfrentar essas questões, levando em conta o atual estado da reflexão historiográfica sobre o tema, a metodologia a ser empregada neste estudo consiste basicamente em contrastar algumas fontes documentais primárias. Pretende-se analisar critica e comparativamente os discursos dos representantes do autonomismo cubano com alguns contratos de trabalhadores que imigraram para Cuba por meio de projetos de incentivo à imigração promovidos por algumas camadas da elite açucareira, sobretudo aquela da região ocidental, onde o fenômeno se deu com maior clareza. Dessa forma, serão identificados e analisados os elementos que possam corroborar o caráter do autonomismo cubano e o grau de vinculação de seus representantes com a elite açucareira ocidental. Os censos também serão analisados com o propósito de identificar o peso demográfico dos imigrantes, as dinâmicas dos processos migratórios e algumas características da composição étnica da sociedade cubana. Ressaltamos que, na execução desta pesquisa, a parte ocidental da ilha recebeu o nosso foco preferencial de análise por se constituir numa região em que o peso da produção açucareira é maior e na qual ocorreram de forma mais incisiva os projetos de “branqueamento”, bem como onde a política autonomista exprimiu seus ideais de nação de maneira mais incisiva.

Para se compreender o objeto de nosso estudo, partimos da premissa de que havia em Cuba uma decidida vontade de amplos setores da sociedade de romper, ou pelo menos modificar substancialmente, a relação de dependência com a metrópole, principalmente no âmbito econômico. Refletindo tal vontade, a elite açucareira buscava aos poucos se fortalecer economicamente diante do domínio espanhol, sendo que seus ideais acabaram por influenciar o próprio partido autonomista cubano. Esta decidida vontade de romper com tal dependência – sobretudo econômica – bem como os ideais de nação, estiveram presentes no pensamento cubano desde a primeira metade do século XIX. Obviamente, o sistema de poder colonial mantinha-se fundamentado na dominação – política, administrativa e econômica – direta da metrópole espanhola sobre os seus domínios no continente americano. E, por essa época, tal dominação adquiria novo reforço com a extinção, por decreto de 1837, da escassa representação de Cuba nas cortes espanholas, ficando todos os poderes do governo na ilha nas mãos de um Capitão Geral, a quem concediam as mesmas faculdades de um governador. Submetida a tal governo autocrático e paternalista a população cubana ainda via o produto de seu trabalho confiscado por leis fiscais altamente abusivas.

A partir de então começam a surgir movimentos de cunho separatista e conflitos armados contra as forças espanholas, que culminariam na guerra dos dez anos (1868-1878). Findada esta guerra, a Espanha faz promessas de reformas mas, no entanto, persistiu intransigente em seu velho sistema cujas bases eram a exclusão do cubano de todo posto que oferecesse intervenção eficaz e influência nos assuntos públicos, e a exploração do trabalho dos colonos em proveito do comércio espanhol. Mais tarde, na guerra de 1895 a 1898, a Espanha, enfim, derrotada, perde os direitos sobre a ilha, que se encontraria a partir daí sob o domínio dos Estados Unidos.

Um fato curioso é que a ocorrência das guerras de independência em Cuba não se constituiu em obstáculos para as diversas ondas migratórias que se dirigiram àquela ilha. Em 1868, a população de Cuba era estimada em torno de 1.500.000 habitantes e foram somados a esta população, no decorrer da segunda metade do século XIX cerca de 700 mil imigrantes. (MORENO

FRAGINALS, 1995, p. 118) Em parte, tais imigrações foram incentivadas por alguns benefícios oferecidos pela coroa espanhola aos imigrantes, com o intuito principal de prevenir intentos separatistas. Em parte, foram promovidas pela elite açucareira cubana, ou seja, pelos grandes proprietários de terra e donos de empresas açucareiras localizadas na região ocidental da ilha, para atender suas demandas de mão-de-obra.

É portanto, neste momento entre as duas guerras de independência, de 1878 a 1898, em que tanto a Espanha quanto as forças emergentes cubanas lançaram mão de políticas estratégicas de incentivo à imigração para Cuba, como alternativa mais viável para atender aos interesses tanto da Espanha quanto das elites cubanas. Ou seja, a Espanha facilitava a imigração espanhola através da criação de organismos, leis e decretos com o objetivo de conter as forças separatistas, enquanto os grupos cubanos ligados à elite açucareira e ao movimento autonomista tentavam forjar uma “cultura nacional” promovendo a contratação de trabalhadores braçais “brancos”, atendendo, desta forma, sob a ótica de seus idealizadores, aos requisitos da formação de uma nação e à funcionalidade de um sistema nacional.

Percebe-se que a política ultramarina levada a cabo pela corte espanhola acabou por dar lugar a um crescente aumento em território cubano de peninsulares e de imigrante naturais das Ilhas Canárias – situadas na Costa da África e pertencentes à Espanha – gerando uma população nativa contrária ao domínio colonial. (MORENO FRAGINALS, 1995, p. 120) Some-se a isto que, durante o século XIX, alguns cubanos *criollos*<sup>1</sup>, aliados a grupos políticos norte-americanos, apoiaram um movimento liderado por um grupo de intelectuais cubanos que, por defender abertamente a anexação do território cubano pelos Estados Unidos – contando com o apoio estadunidense por razões econômicas e militares – acabou sendo denominado de movimento

---

<sup>1</sup> Entende-se por *criollos* ou elite criolla cubana, aqueles indivíduos descendentes de um alto militar, funcionário peninsular ou de um rico comerciante, quase sempre ligado às atividades do açúcar ou café, que participavam do poder em Cuba, desde o final do século XVIII e no decorrer do século XIX. Estes *criollos* aos poucos foram tomando corpo e consciência de grupo ou classe no poder, defendendo e recriando símbolos de nobreza e pureza de sangue, acabando por estabelecer os padrões de cultura dominante no século XIX.

anexionista. Tal movimento contou com o apoio de setores do autonomismo cubano, movidos exclusivamente pelas possíveis vantagens econômicas de tal anexação.

Portanto, a existência de uma guerra colonial em Cuba circunscreveu o âmbito de aplicação de políticas estratégicas encaminhadas a estabelecer o modelo de organização colonial e o tipo de imigração mais adequada a Cuba, que no caso era a espanhola “branca”, considerada “civilizada” sob a visão daqueles que a reivindicavam. Tal postura refletia uma mentalidade racista vigente naquele momento, com o surgimento de um temor em relação ao negro e o desejo por parte das autoridades e cidadãos influentes de promover o “branqueamento” da sociedade cubana por meio da imigração procedente da metrópole. Este sentimento estava muito mais arraigado entre os elementos da elite açucareira diante do temor de uma sublevação geral negra, uma ameaça que se colocava desde a primeira metade do século XIX. (LE RIVEREND, 1965, p. 350)

Este ideal de nação branca espanhola, que partiu da elite açucareira ocidental cubana, foi sobremaneira incorporado e compartilhado pelo movimento autonomista cubano, contrariando, desta forma, tudo aquilo que se poderia esperar de um movimento que pressupõe autonomia, já que grande parte de seus membros esteve mais comprometida com a independência mercantil e menos com a política e cultural. Assim, atuaram em articulação com aquelas estratégias políticas acima citadas, até o momento em que os Estados Unidos entram em cena, quando estas forças autonomistas passam a vestir outra roupagem aliando-se aos interesses de um país forâneo em nome das “vantagens” que se poderia obter de uma nação industrial próspera, enquanto, ao mesmo tempo, deixavam de lado a idéia de independência política.

É, portanto, neste momento de grande tensão em que atuam em conjunto elite açucareira e autonomistas frente aos movimentos de independência, bem como elaboram projetos de imigração rumo à implementação da nação cubana, ao mesmo tempo em que utilizam estratégias de contratação de mão-de-obra barata, suprindo interesses

políticos, econômicos, sociais e raciais. Eram políticos e econômicos na medida em que estavam relacionados não só com o processo de independência, mas na manutenção do sistema açucareiro e tabaqueiro, já que eram as duas atividades de maior significado econômico na ilha. Eram também raciais e sociais, uma vez que exigiam uma migração “branca”, sobrepondo-se à negra, ao mesmo tempo em que se forjava uma cultura homogênea de “brancos”. Neste ínterim, os imigrantes davam um novo caráter ao processo de formação de uma identidade nacional em Cuba.

Com relação às forças autonomistas e açucareiras atuantes em Cuba, alguns questionamentos são levantados com relação às suas ações fortemente articuladas e incisivas sobre a política migratória. No decorrer do período estudado os grupos econômicos cubanos contaram com o apoio financeiro da Espanha em vários projetos de imigração. Mas ao mesmo tempo, as relações entre ambos foram ficando antagônicas, na medida em que tais grupos passavam a ver nos Estados Unidos a alternativa para os seus anseios econômicos.

No decorrer desta investigação constatou-se o fato de que esta elite ia criando corpo na medida em que utilizava o partido autonomista como instrumento de força frente à política econômica espanhola<sup>2</sup>. É certo que os autonomistas cubanos andaram lado a lado com a Espanha, uma vez que estiveram mais interessados, antes de 1898, em manter o bom relacionamento com a metrópole do que abraçar a causa independentista. Após este ano, a preocupação autonomista já não era mais o bom relacionamento com a Espanha, visto que seu novo tutor eram os Estados Unidos. As evidências deixavam transparecer o peso da elite açucareira neste processo, uma vez que sua preocupação primordial era garantir seus interesses privados e os Estados Unidos representavam a garantia de futuro.

Sendo assim, reiteramos que nossa proposta de estudo é empreender uma releitura da questão nacional cubana, a partir da análise de uma possível

---

<sup>2</sup> Segundo Luís Miguel GARCÍA MORA, um em cada dois fazendeiros estava presente nos órgãos diretivos autonomistas. (1999, p. 64)

articulação do movimento autonomista cubano com os ideais da elite açucareira ocidental, na tentativa de compreender o alcance de tal articulação e do projeto comum de nação que compartilharam. Em tal intento, os projetos de imigração propostos e realizados eram encarados por tais grupos como a solução mais viável à formação nacional cubana segundo seus interesses particulares e/ou segundo o ideal de nação que imaginavam.

O trabalho encontra-se estruturado em quatro partes, que correspondem aos quatro capítulos. Em um primeiro momento, no primeiro capítulo, será apresentado um panorama geral do contexto histórico cubano, com destaque para a compreensão da política açucareira, como uma introdução para algumas das questões centrais a serem desenvolvidas ao longo deste estudo. Já o segundo capítulo empreende uma análise do processo autonômico cubano, enfatizando seu perfil e sobretudo abarcando o discurso autonomista e a sua relação com os ideais da elite açucareira ocidental. O terceiro capítulo será dedicado à compreensão dos projetos de imigração propostos e realizados, a partir da análise e confrontação dos discursos de seus idealizadores e dos dados censitários a respeito da evolução e composição demográfica da população cubana. Por fim, no quarto e último capítulo serão abordados os possíveis elementos de convergência entre os projetos e ideais de nação da elite açucareira ocidental e os representantes do movimento autonomista cubano. Entre tais elementos, serão analisados principalmente a presença e o peso do racismo, bem como a primazia do critério econômico em detrimento do político, no projeto comum de nação idealizado por ambos os grupos.

## Capítulo I

### **O CONTEXTO DAS GUERRAS CUBANAS DE INDEPENDÊNCIA**

#### **POLÍTICA, ECONOMIA E SOCIEDADE AÇUCAREIRAS**

Qualquer que seja o estudo acerca da realidade econômica, social e política cubana do século XIX, ele deverá necessariamente atentar para a importância da questão açucareira. Não poderia ser diferente no âmbito deste trabalho. Seria difícil falar de Cuba, sobretudo no século XIX, sem falar do açúcar, já que este esteve sempre presente na vida cubana daquele século. Basicamente, as questões políticas, sociais e econômicas vivenciadas em Cuba mantiveram uma relação estreita com o sistema açucareiro, atuando quase sempre de modo a garantir a sua manutenção.

O cenário cubano da segunda metade do século XIX registrou mudanças profundas no âmbito demográfico, econômico, político e das relações sociais, provocando momentos de grande tensão, sobretudo nas relações entre colônia e metrópole. É quando, por exemplo, ocorrem as guerras de independência, em que diferentes forças manifestaram-se e atuaram em função de interesses contraditórios, muitos deles relacionados ao sistema açucareiro cubano.

A produção açucareira começa a ter uma expressiva importância em Cuba na década de 1840, com a decadência da produção cafeeira. Porém, apesar da produção do açúcar logo se constituir na atividade econômica mais importante, as áreas produtoras ainda encontravam-se restritas ou concentradas na região centro-ocidental da ilha, ainda que houvessem pequenos engenhos na região oriental. Em meados do século XIX, produzia-se 90% do açúcar nas cidades de Havana e Matanzas, situadas exatamente na região centro-ocidental de Cuba.

A região oriental, apesar da existência de numerosos pequenos engenhos, não apresentou características de uma economia de plantação, como ocorreu na região ocidental. Suas fábricas desenvolveram com lentidão. Em meados do século XIX os engenhos orientais eram os mais atrasados e menos capacitados tecnologicamente. Foram os primeiros a arruinarem com a nova tecnologia que irrompeu no setor açucareiro cubano a partir de meados do século XVIII. Não usavam máquinas a vapor e sim tração animal. Esta região localizava-se próxima a então colônia negra francesa de Santo Domingo (convertida depois no Haiti).

Em contrapartida, a região ocidental, foco principal deste estudo, caracterizou-se por uma zona típica de plantação. Esteve marcada sobretudo por constantes conflitos raciais, onde a população branca atuava de modo a excluir o negro não só da nacionalidade cubana, mas de todos os postos de trabalho e da vida social em Cuba. Havia ali uma pequena classe alta branca, rica e dominante, cuja influência era cada vez maior sobre os demais estratos da sociedade. Tal elite, já nascida em Cuba, conformada com valores diferenciados, suficientemente rica, culta e poderosa, encontrava-se apta para exigir um espaço de poder dentro da organização colonial vigente naquele momento, quando Cuba ainda era colônia da Espanha.

Esta elite branca cubana ocidental do século XIX era quase sempre composta de descendentes de um alto militar, funcionário peninsular, ou de um rico comerciante. As elites dessa sociedade ocidental cubana, formada primeiro em torno do café e depois do açúcar, ocupavam um alto lugar na sociedade,

junto aos ricos comerciantes, graças à sua riqueza e cultura letrada. Estes sacarocratas - assim denominados por MORENO FRAGINALS (1995, p. 250) -, desde o final do século XVIII até a primeira década do século XIX, participaram do exercício do poder e formaram em torno de si um amplo setor que dominou praticamente todos os centros culturais de Cuba, dando forma e conteúdo a uma ideologia pátria.

A escravidão foi o motor de enriquecimento dos produtores açucareiros até o final da primeira metade do século XIX mas, na medida que foram surgindo as inovações tecnológicas, este sistema foi entrando em declínio progressivamente. Embora tenha se constituído, por muito tempo, a solução economicamente mais viável para o problema da mão-de-obra, o escravismo passou aos poucos a representar, para os produtores açucareiros, um freio ao desenvolvimento industrial moderno da economia açucareira.

A nova tecnologia exigia a utilização de máquinas mas, segundo o ideal de superioridade branca inerente ao pensamento da elite açucareira, o escravo não era o elemento mais qualificado para atender a força de trabalho moderna. Assim, este foi um dos fatores que contribuíram para uma visão negativa do negro.. Esta situação foi tornando-se crônica na medida em que os negros foram constituindo um setor marginal, segregado por razões culturais e sofrendo, dessa forma, constantes discriminações.

Assim, esta elite lançou mão de intensas políticas de incentivo à “imigração branca”, elaborando projetos para promover a imigração espanhola para Cuba, mediante a contratação de trabalhadores braçais considerados mais aptos ao desenvolvimento tecnológico. Tal política atendia, por outro lado, de um ponto de vista ideológico e cultural, aos requisitos de uma nação branca almejada por este setor. Na segunda metade do século XIX, houve uma contínua entrada de imigrantes espanhóis em Cuba, não só como trabalhadores mas como soldados para lutarem nas guerras de independência – muitos dos quais acabaram permanecendo na ilha. Nesse sentido, a imigração acabava materializando o ideal de branqueamento da sociedade cubana difundido principalmente por tal elite.

Nesse contexto econômico e demográfico de Cuba, emergiam naturalmente inúmeros conflitos políticos, sociais e culturais. As guerras de independência, por exemplo, refletiam contraditórios interesses que acabaram por definir um quadro de conflito entre distintos projetos de identidade nacional. Um ideal particular de nação acabou tomando forma no decorrer do século XIX, em Cuba, na medida que foi surgindo uma necessidade de autonomia, sobretudo no plano econômico, frente à insegurança de se ver afetado o então altamente lucrativo sistema açucareiro. Esta mesma elite açucareira, ao reivindicar seu espaço autônomo em Cuba, na verdade não reclamou um poder que nunca teve e sim um poder que de alguma forma havia participado na Cuba colonial. Tal espaço de poder era sua pátria e sua nação, “branca”, já que estes eram os valores impregnados nas vontades daquele momento.

Esta sociedade, integrada por duas etnias principais, branca e negra, e suas múltiplas mesclas, onde a cor da pele coincidia com o *status* social, levava em conta estas diferenças quando se deparava com a possibilidade de enfrentar problemas políticos.

A partir de meados do século XIX, o movimento autonomista começa a assumir uma forma mais expressiva, tratando de difundir idéias reformistas ou anexionistas. Para ele, os *cubanos* eram os brancos nascidos em Cuba. Portanto, para este setor social dominante, o vocábulo *cubano*, além de um significado nacional, tinha uma conotação racista<sup>3</sup>.

Para muitos, até a década de 1880, seguirá vigente esta diferença. A poesia popular da guerra dos dez anos, primeira guerra de independência (1868 – 1878), difundia versos como: “...el negro y el cubano (grifo nosso), juntamente, al cruel español hagamos guerra...” (apud MORENO

---

<sup>3</sup> Esta escala de valores esteve textualmente exposta por José Antônio Saco López-Cisneros (1797-1879), um ideólogo e líder do movimento reformista entre 1830 a 1837. Estudou em Santiago de Cuba e em Havana, onde graduou-se em Filosofia. Em Cuba fundou uma revista chamada Revista Bimestre Cubana. Manifestou-se de modo solidário aos valores racistas e como inimigo da anexação de Cuba aos Estados Unidos, e participou de maneira destacada nas polêmicas a respeito desta questão.

FRAGINALS, 1995, p. 221) A Sociedade Antropológica de Cuba, em 1879, definiu o cubano como “*todo homem branco nascido em Cuba*”.

Para MORENO FRAGINALS, um sentimento de *cubanía* construía-se na origem da migração espanhola, uma vez que os habitantes brancos de Cuba eram descendentes de espanhóis. Portanto, para os adeptos deste sentimento, a negação da Espanha era a negação do seu passado, raiz e memória histórica. (1995, p. 224) Com efeito, este mesmo autor afirma que na década de 1860 viviam cerca de 82.000 peninsulares e canários em Cuba. Assim, os conflitos raciais foram constantes até o fim do século XIX. O negro era considerado inferior culturalmente e a realidade cotidiana parecia mostrá-los como inferiores, escravos, incultos e bruxos. Os intelectuais brancos acabaram por discriminá-los, muitas vezes utilizando uma retórica paternalista. Porém, havia sindicatos representantes dos negros e que tinham alguma influência, mas no entanto não conseguiram uma força dominante.

No momento em que estiveram em voga as questões raciais em Cuba, bem como os projetos de “branqueamento”, atuaram, como força coadjuvante, muitos produtores açucareiros, sobretudo da região centro-ocidental de Cuba. Estes mesmos produtores atuaram também com esta mesma força junto ao movimento autonomista, nutrindo entre si seus ideais de nação, bem como lançando mão de uma política de proteção ao sistema açucareiro da ilha, ainda que para isso a soberania cubana ficasse em segundo plano.

## O CONTEXTO DA PRIMEIRA GUERRA DE INDEPENDÊNCIA (1868-1878)

A partir de 1860, governaram em Cuba sucessivamente dois generais: Francisco Serrano Dominguez – que possuía uma grande fortuna açucareira em Cuba – e Domingo Dulce Garay. Eram proprietários dos Engenhos *Guímaro, Las Delicias, San Isidro, San José Abajo, Cucharos, Las Cañas, Yaguaramas, San Nicolas e San Carlos*. Domingo Garay era casado com uma

crioula de imponente riqueza açucareira, proprietária dos engenhos de *Santa Rita, Santa Helena Seibabo, Montserrat e Sobrante*.

Durante os governos de ambos os generais, a balança do poder havia inclinado decisivamente para o lado dos interesses reformistas da elite açucareira do ocidente. A partir da década de 1860, uma oligarquia de Havana esteve organizada em um grupo que ficou conhecido como “Partido Reformista”, ainda que nunca tomasse forma institucional de partido político. Partindo-se de interesses advindos da elite açucareira, editaram o primeiro periódico político reformista de Cuba: *El Siglo*. Através de uma reconhecida influência sobre o governo espanhol, executaram uma convocatória da chamada *Junta de Información*. Esta Junta era composta por ricos plantadores açucareiros e por alguns líderes autonomistas, e tinha como objetivo, dentre outros, a abolição, bem como reivindicar reformas que beneficiassem o sistema açucareiro cubano e suas aspirações políticas.

Esta *Junta* fracassou juntamente com o governo liberal da Espanha. Implantou-se em Cuba um sistema tributário prejudicial aos interesses agrícolas e de gado do oriente mas que, contudo, não afetava o ocidente. Com o fracasso desta Junta, instaurou-se a guerra dos dez anos, visto que aquela significou uma manobra política de um grupo de plantadores açucareiros reformistas e anexionistas do ocidente. A guerra tomou uma dimensão específica e nitidamente independentista na região oriental da ilha – onde foi liderada por Carlos Manuel Céspedes –, já que esta era a região economicamente mais prejudicada naquele momento, ao contrário da região ocidental, cujas elites econômicas estavam mais preocupadas com questões raciais e econômicas do que propriamente com a luta pela independência política.

As vozes do reformismo açucareiro na Junta, representadas por José Antônio Saco e pelo conde Pozos Dulces, atuantes nesta desde a década de 1867 (MONAL, 2002, p. 392), acumulavam 25 anos de análise da economia internacional do açúcar, da qual Cuba era o primeiro produtor mundial. Estes homens, de mentalidade “moderna”, estiveram atentos ao fenômeno industrial

norte-americano e europeu. Na verdade, a política reformista desta época esteve envolvida com idéias econômicas que significavam a entrega total da economia cubana aos Estados Unidos. (MORENO FRAGINALS, 1995, p. 231)

Assim, o general Serrano Dominguez expunha suas idéias por ocasião de seu governo em Cuba na década de 1860:

*...el mercado natural da isla de Cuba está en Estados Unidos... (...) y la tendencia del gobierno debe ser siempre favorecer las relaciones comerciales entre la Gran Antilla y su mercado natural.* (apud MORENO FRAGINALS, 1995, p. 232)

Ainda que os iniciadores desta guerra tenham sido os máximos chefes do movimento independentista, o exército não podia se formar apenas com eles. Foram unindo-se a este grupo homens de todos os setores sociais. Em uma sociedade dividida pela cor e pela origem social dos seus indivíduos, a incorporação dos primeiros negros e mulatos ao movimento foi traumática.

Durante os anos da guerra a Espanha situou em Cuba mais de 200 mil soldados. Destes, mais de 80 mil, entre oficiais e soldados, tiveram destino desconhecido após o fim do conflito. Porém, é certo que muitos deles passaram a engrossar o fluxo migratório espanhol em direção à Cuba juntamente com mais de 160 mil civis que também imigraram no mesmo período, o que representou um total imigratório bruto de mais de 240 mil indivíduos. (MORENO FRAGINALS, 1995, p. 235) Ou seja, durante a primeira guerra de independência, Cuba recebeu o que até então foi o seu maior fluxo de população espanhola.

Estes novos imigrantes deram um novo caráter às cidades cubanas e provocaram uma transformação na indústria açucareira. Com efeito, desde meados do século XIX, a indústria açucareira de máquinas dos Estados Unidos e da Europa havia situado no mercado a produção de uma verdadeira revolução industrial na fabricação do açúcar. Para resolver a questão interna

criada entre o regime de trabalho e a necessária modernização do fluxo produtivo, já que o homem formado na escravidão era considerado culturalmente incapacitado para adaptar-se ao trabalho industrial, os fazendeiros açucareiros viram-se forçados à introdução, pela via da imigração, de outro tipo de mão-de-obra, que seria constituída basicamente de trabalhadores brancos.

Nesse sentido, a guerra dos dez anos acelerou a crise escravista. Na medida que o conflito foi se estendendo pela região oriental, um grande número de proprietários trataram de transferir seus escravos para a zona central e ocidental da ilha, que parecia estar a salvo do conflito. Quando os rebeldes chegaram à região de Cienfuegos em 1874, houve uma grande concentração de tropas espanholas na região visando à ocupação dos engenhos. O estado maior do exército e as autoridades municipais de Cienfuegos acordaram que os soldados destacados nos engenhos

*Disfrutarían del haber mensual de quince pesos oro, o su equivalente, cuyos haberes así como la manutención han de ser de cuenta de los hacendados. (MORENO FRAGINALS, 1995, p. 252)*

Ficou assim estabelecida a proteção militar ao açúcar e, inevitavelmente, os fazendeiros puseram estes braços militares ao serviço da produção: os soldados salvaguardaram e ao mesmo tempo trabalharam nos engenhos, recebendo ainda, para tanto, pagamento extra.

Dessa forma, no setor industrial, os novos trabalhadores assalariados – brancos, diga-se de passagem – contribuíram para modernizar a esfera da produção açucareira cubana e, no setor agrícola, encarregado do abastecimento de cana, mantinham-se assim as práticas escravistas mais atrasadas. Tal experiência se expandiu rapidamente para toda a ilha. Desde o ponto de vista social, a partir de então, “branquear” o engenho (de acordo com os dizeres da época) passou a significar o rompimento com o terrível preconceito que qualificava o trabalho açucareiro de “coisa de negros”.

Terminada a guerra, a maioria destes soldados permaneceu vinculada aos engenhos, sendo que muitos deles voltaram a participar da safra seguinte. Os escravos, em geral, foram excluídos, separados e marginalizados do setor industrial do engenho, que a partir deste momento, converteu-se em uma atividade de brancos, ou seja, com o mesmo preconceito racial de antes. A partir de 1880, esta zona de Cienfuegos passou a ser a mais importante de Cuba desde o ponto de vista açucareiro, e a mais produtiva do mundo em relação a sua extensão territorial. (MORENO FRAGINALS, 1995, p. 255)

A primeira guerra independentista – ou guerra dos dez anos – terminou em 1878. Mas tal conflito não teve fim com a derrota dos independentistas cubanos, e sim com um acordo denominado “*Pacto de Zanjón*”. Na verdade, o *Pacto de Zanjón* começou a materializar-se nos Estados Unidos com os exilados cubanos, muitos dos quais já eram cidadãos norte-americanos e ex-autonomistas cubanos. O *Pacto de Zanjón* não deu a liberdade política à Cuba, porém instaurou nela um sistema político vigente na Espanha, segundo o qual a ilha assumia a condição de província espanhola. Enquanto isso, na zona ocidental de Cuba, onde predominavam as plantações açucareiras às quais não havia chegado a guerra, operava-se desde 1875 uma grande transformação no sistema de trabalho, com a substituição do regime da escravidão pelo regime de trabalho assalariado.

## O CONTEXTO DA SEGUNDA GUERRA DE INDEPENDÊNCIA

(1895-1898)

Em 24 de fevereiro de 1895 deu-se o início da segunda guerra de independência em Cuba, que se prolongou até o ano de 1898. Há, entretanto, algumas diferenças significativas entre ambos os conflitos, sobretudo no que diz respeito à composição social de seus protagonistas. A primeira guerra independentista caracterizou-se pelo fato de que seus mentores mais significativos procediam dos níveis mais elevados da sociedade branca da zona oriental e central da ilha. Ainda que alguns desses revolucionários fossem

produtores de menor expressão, não houve propriamente uma predominância de elementos do setor açucareiro. Por outro lado, ao contrário da guerra anterior, os protagonistas da segunda experiência independentista tinham uma origem nitidamente popular, obreira e de classe média, com uma forte participação de indivíduos negros, mulatos e camponeses. Outra diferença com o conflito anterior foi também o fato de que a ação conspirativa não esteve focalizada na região oriental, como na guerra dos dez anos, mas estendeu-se por toda a ilha.

Em que pese tal composição social de seus protagonistas, entretanto, logo nos primeiros momentos de sua eclosão, essa segunda guerra de independência foi incorporando o apoio de amplos setores da sociedade cubana, incluindo aqueles que haviam se aliado anteriormente ao Partido Liberal Autonomista e ao Partido Reformista. Por outro lado, a abolição da escravidão em 1886, e o processo de “branqueamento” (termo utilizado por Consuelo Naranjo) dos engenhos, deram origem a uma grande massa de indivíduos negros que, sem maiores recursos e alternativas de sobrevivência, foi relativamente fácil de ser incorporada como soldados das forças revolucionárias.

Embora mais curta, a segunda guerra foi, porém, mais sangrenta. A parte cubana teve uma perda sensível logo nos primeiros dias de batalha. José Martí (1853-1895)<sup>4</sup>, que havia sido um gigante na organização clandestina da guerra, morreu em 19 de maio de 1895, em um dos primeiros combates. Seu desaparecimento privou a parte cubana de um homem chave no

---

<sup>4</sup> José Martí é o Herói Nacional de Cuba. Estudou em Havana e em Madri, onde concluiu Direito, Filosofia e Letras. Desde muito jovem assumia as idéias independentistas que defendeu em periódicos estudantis. Esteve preso e foi desterrado aos 16 anos por estas idéias. Viajou por Espanha e América Latina. Regressou a Cuba e foi deportado novamente por atividades conspirativas. Viajou então a Paris e se radicou nos Estados Unidos. Colaborou em numerosas publicações de prestígio Latino-americanas e na América do Norte, onde atuou como cônsul de alguns países da América Latina. No período de entre-guerras tomou parte em conspirações independentistas e em 1892 fundou o periódico *Pátria* e o Partido Revolucionário Cubano, com o objetivo de organizar a nova contenda. Em contato com Gómez e Maceo preparou a guerra pela independência iniciada em 24 de fevereiro de 1895. Regressou a Cuba junto com Gómez e caiu em combate em 19 de maio deste ano em Dois Rios. Considerado a figura maior do pensamento cubano, é ainda reconhecido como um dos grandes poetas e ensaístas da língua espanhola.

encaminhamento político do movimento de luta pela independência. Sua grande obra institucional, o Partido Revolucionário Cubano – cujas bases foram por ele estabelecidas por meio de um documento escrito desde o exílio em 1892 -, ficou sem uma firme direção em mãos de Tomás Estrada Palma<sup>5</sup>. Uma vez iniciada a guerra e durante os seus desdobramentos, muitas fábricas açucareiras foram postas a salvo dos ataques e das ações incendiárias das tropas revolucionárias cubanas. Logo, seus proprietários e representantes trataram de organizarem-se na condição de grupos interlocutores com as autoridades norte-americanas. Porém, a guerra não deixou de afetar a situação econômica de Cuba. Os Estados Unidos buscavam uma forma legal de intervir na guerra e, consequentemente, na ilha. Assim que o conflito foi inclinando-se para o lado cubano a possível intervenção norte-americana foi tornando-se de fato inevitável, o que ocorreu no ano de 1898.

Na realidade, os cubanos independentistas do exílio tiveram uma ampla margem de ação, reforçada pelo apoio norte-americano. Os interesses açucareiros de Cuba se mantiveram, estes já tinham clareza de que a Espanha não sairia vitoriosa da guerra e de que a intervenção norte-americana no conflito era certa. Os autonomistas, sob a direção majoritária da elite açucareira, acabaram facilitando tal mudança política. Quando, em 15 de fevereiro de 1898, o cruzeiro norte-americano *Maine* foi afundado na Baía de Havana, fato de forte repercussão para as partes envolvidas no conflito, os norte-americanos encontraram um forte pretexto para a intervenção na ilha.

Findada as guerras de independência, as diferenças entre oeste e oriente na ilha permaneceram. Nas antigas províncias de Camaguey e Oriente, o domínio insurreccional foi mais pleno. As tropas cubanas lograram paralisar quase todos os trabalhos da safra, além de impossibilitar as comunicações. É certo que estas províncias representavam apenas 10% da produção açucareira de Cuba. Porém, no oeste, nas regiões de Santa Clara, Matanzas, La

---

<sup>5</sup> Estrada Palma, após participar dos combates da Guerra dos Dez Anos, exilou-se nos Estados Unidos, país com o qual logo se identificou, onde permaneceu por vários anos trabalhando como professor. Como tantos outros cubanos autonomistas (Miguel Aldama, Julio Sanguily, Nestor Ponce de Leon etc.), chegou a naturalizar-se cidadão norte-americano.

Habana e Pinar del Río a situação era distinta. As tropas espanholas lograram um profundo cerco de proteção às potentes zonas produtoras de açúcar do centro e do oeste da ilha. Assim, durante toda a guerra de independência, as principais centrais ou fábricas açucareiras cubanas continuaram produzindo suas safras e vendendo seu açúcar. Como era natural, as vendas faziam-se precipitadamente ante a insegurança do ambiente.

Outro aspecto a ser ressaltado sobre a guerra de independência é o da sua relação com a vinda e o estabelecimento de imigrantes espanhóis na ilha, inclusive dos ex-soldados. Nos anos finais da guerra, chegaram à Cuba mais de 16 mil imigrantes espanhóis para trabalhar na safra. Em 1899, com o poder já nas mãos dos Estados Unidos, aproximadamente mais de 15 mil imigrantes espanhóis foram incorporados ao trabalho do açúcar (MORENO FRAGINALS, 1995, p. 256)

Já foi visto que, durante a etapa final da Guerra dos Dez Anos, produziu-se a transformação da manufatura açucareira cubana na grande indústria moderna e mecanizada. Esta transformação teve lugar exatamente graças ao emprego dos soldados e civis espanhóis e mediante a expulsão dos escravos do setor fabril. Tal experiência continuou durante a década de 1880. Um balanço do número de militares espanhóis enviados à Cuba em comparação com o número daqueles que regressaram à Espanha no período de 1887 a 1899 – levando-se em conta o fim da guerra em 1898 – nos revela que retornaram à Espanha apenas cerca de 146 mil soldados de um total de mais de 345 mil que haviam ingressado na ilha. Ou seja, praticamente 200 mil soldados não haviam regressado mesmo um ano após o fim dos conflitos. (MORENO FRAGINALS, 1995, p. 256) Uma diferença desta magnitude não pode ser somente o saldo de mortes, desaparecidos e deserções. A mortalidade do exército foi sem dúvida altíssima, porém não para exterminar com 60% de uma tropa formada por homens com idade média de 21 anos. Nesse sentido, a guerra também influenciou sobremaneira a natureza dos fluxos migratórios para a ilha e a mudança na composição da mão-de-obra empregada no setor açucareiro.

Ficou claro o profundo processo de *espanholização ou hispanização* cubana implantado na política cotidiana. A intervenção norte-americana introduziu numerosas mudanças econômicas e tecnológicas em Cuba, porém não logrou diluir o profundo sentimento de *cubanía*, pois a ilha era decididamente espanhola e mulata. Nas duas décadas seguintes à guerra, o processo de espanholização verificou-se com maior intensidade.

Obviamente que, inerente a todo processo ou movimento de luta por independência política, a problemática identitária impunha-se e a questão do perfil da nova nação a ser construída colocava-se na ordem do dia para as elites políticas, econômicas e intelectuais da ilha. Sendo assim, percebe-se que havia, em Cuba, no decorrer do século XIX, um ideal de nação preconizado pelas forças ocidentais açucareiras, em atuação conjunta com alguns grupos autonomistas, visto que grande parte dos dirigentes destes grupos era composta pela própria elite açucareira. Tal fato é evidenciado e corroborado quando se parte para a análise minuciosa das práticas e discursos dos principais representantes desses grupos, sobretudo no campo das políticas imigratórias. Em que pese o foco central e prioritário fosse a garantia dos interesses mais imediatos e diretos da economia açucareira, tal postura não deixava entretanto de manifestar uma preocupação com a “questão nacional”.

Se a primeira guerra de independência possa de alguma forma ter contribuído para a consolidação de uma certa consciência nacional, este processo foi gradual e assumiu características peculiares, limitado sempre pela complexidade do quadro das forças políticas em ação em Cuba. Entre aqueles que se destacaram na proposta e empenho para se forjar uma cultura nacional cubana encontravam-se os representantes dos interesses açucareiros ocidentais, embora seu projeto de nação fosse visto muito mais como o caminho mais viável para a materialização de seus interesses particulares.

Diante do exposto, no presente capítulo procuramos demonstrar que a questão da formação da nação cubana, independentemente da posição que se adote, de maior ou menor contribuição e importância atribuída às guerras de independência do século XIX, não pode prescindir de uma devida

contextualização de tais conflitos. Por outro lado, se admitimos que a nação é, antes de tudo, uma construção imaginária, uma elaboração discursiva que retoricamente apela ao sentimento de comunidade, de co-pertencimento, o desafio para o historiador passa a ser a análise e compreensão das propostas ou projetos de nação expressos – por meio de discursos e/ou práticas – por setores ou grupos sociais mais atuantes nesse período considerado.

Nesse contexto, no âmbito desse trabalho, consideramos que o estudo da articulação entre o movimento autonomista cubano e a elite açucareira ocidental, sobretudo no campo das políticas migratórias, pode oferecer novos elementos para a compreensão do processo de formação da nação cubana. Passemos, então, em seguida, no próximo capítulo, a analisar e caracterizar o movimento autonomista cubano e seu projeto político social.

## Capítulo II

### **O MOVIMENTO AUTONOMISTA CUBANO**

#### A HISTORIOGRAFIA SOBRE O AUTONOMISMO CUBANO

Ao analisar a produção historiográfica sobre o autonomismo cubano, Paul ESTRADE (1999) nos oferece um balanço geral sobre a produção de alguns historiadores contemporâneos sobre o tema. Segundo este autor, tal historiografia tem revelado uma forma de apego à idéia de uma nação com possibilidades de um desenvolvimento autônomo no futuro. Uma nação que seria viável somente pela via da educação, do exercício das liberdades, sob a condução, pelas elites, das forças populares e das massas de negros, segundo o modelo de progresso e as modas procedentes da Europa e dos Estados Unidos. (ESTRADE, 1999, p. 169)

Sem dúvida, a formação da nação foi um longo processo que somente se consolidou em Cuba a meados do século XX, considerando que os fluxos migratórios recebidos em Cuba se intensificaram mais a partir do início do século XX, até aproximadamente a década de 30 deste século. Porém, é inegável que tal processo foi acelerado, e a nação cobrou maior profundidade e coesão social, em decorrência das guerras de independência. A historiografia tende a apontar que o fator mais decisivo para a eclosão dessas guerras não teria sido a ação da intelectualidade autonomista, e sim a impetuosa

participação do povo insurreto. Ou seja, mesmo com a ação autonomista, em sua grande maioria contrária aos movimentos insurrecionais, as guerras de independência aconteceram de fato. Mesmo considerando a atitude dos autonomistas que se uniram de fato à luta pela independência nacional entre 1894 e 1897, isso não redime todavia o autonomismo oficial, que atuou como doutrina e agente contra-revolucionário até 1898.

Nesse sentido, Paul ESTRADE (1999) alerta para a necessidade de que se siga estudando com dedicação o autonomismo cubano e suas diversas correntes opostas, que não podem de forma alguma ser subestimadas e ignoradas. Seria prudente, segundo este autor, que se combatesse a idéia segundo a qual o autonomismo, em seu conjunto, tivesse preparado os espíritos para a independência e contribuído decisivamente para a formação da nação cubana. E, assim, o autor conclui que teria triunfado a idéia martiana da “nulidade” da autonomia e da perversidade do autonomismo no processo de afirmação da nação. (ESTRADE, 1999, p. 170) Diante do exposto, percebe-se que há um reiterado questionamento do papel do autonomismo no processo de formação da nação cubana.

Entretanto, mesmo considerando a postura contraditória e vacilante de certos representantes do movimento autonomista diante dos processos de luta pela independência de Cuba, fica em aberto a questão sobre a existência ou não de um projeto nacional nos discursos autonomistas, ou pelo menos no âmbito de uma parcela de seus representantes. E, em caso positivo, permanece assim a questão sobre qual a natureza de tal projeto de nação, quais as suas especificidades e diferenciações em relação ao projeto nacional-independentista. A fim de enfrentar esta discussão, torna-se necessário antes remetermo-nos à gênese e trajetória do movimento autonomista, bem como aos aspectos mais significativos que o caracterizam.

## CARACTERIZAÇÃO GERAL DO AUTONOMISMO CUBANO

Antes de empreender uma breve caracterização do autonomismo cubano, urge prestar alguns esclarecimentos e empreender algumas delimitações do tema, de forma a deixar claro sobre qual “autonomismo” estamos nos referindo no âmbito do presente trabalho e, especificamente, no âmbito deste capítulo. Não estamos nos referindo - ou incorporando em nossa análise - à doutrina “autonomista” dos partidos advindos da Espanha, ou seja, à perspectiva da autonomia colonial.

Este estudo apóia-se em uma interpretação comportamental do caráter autonomista cubano com relação a questão nacional em Cuba, embasando-se nos discursos e ações de alguns de seus representantes, que atuaram em conjunto com a elite açucareira. Na verdade, trata-se de uma tentativa de reconhecer como e com que finalidade o processo autonômico cubano se desencadeou em Cuba junto a questão nacional. Assim, nenhum destes supostos citados no parágrafo anterior serão o objeto de estudo neste trabalho. Estiveram apresentados de forma distorcida em Cuba, uma vez que o processo autonômico cubano não tratou de preparar os espíritos à independência, contribuindo a formar a nação cubana. Sobretudo, estiveram mais interessados pela soberania mercantil e não política.

O movimento autonomista esteve caracterizado sobremaneira pela heterogeneidade. Seus representantes eram grupos bastante diferenciados e com interesses os mais diversos. Atuaram quase sempre mais de acordo com anseios e interesses regionais, expressando perfis bastante diferenciados, ora independentistas, ora nacionalistas e economicistas. Mas atuaram também muitas vezes como porta-vozes da elite açucareira cubana, ávida por beneficiar a produção do açúcar em Cuba, bem como por forjar uma cultura nacional branca.

Os movimentos de cunho autonomista em Cuba podem ser identificados de modo mais atuante, no período em que a ilha sofria importantes

transformações no âmbito político, econômico, social e demográfico. A partir de então, começam a aflorar momentos de grande reflexão e tensão frente à situação colonial – sobretudo no âmbito das relações econômicas - imposta pela corte espanhola. Após a guerra dos dez anos (1868-1878), o movimento autonomista passa a tomar uma dimensão mais ampla, na medida em que Cuba vivenciava um processo de despertar para a consciência nacional. Assim, os anos entre 1880 e 1898 foram os de maior expressão do autonomismo, haja vista que foram também anos decisivos para o processo de independência da ilha.

Assim, o autonomismo cubano origina-se de fato no início da década de 1880. São notáveis e significativas as mudanças pelas quais a sociedade civil cubana passou a partir de 1878<sup>6</sup>. Os dez anos de guerra e as circunstâncias do desfecho do conflito proporcionaram mudanças políticas que de certa forma facilitaram o reagrupamento da sociedade. Com o Pacto de Zanjón, aplicou-se em Cuba, de início de forma provisória e depois permanentemente, a Constituição da Restauração Espanhola, promulgada em 1876. Apesar de responder aos interesses de um governo conservador, esta constituição tinha uma aparência em certa medida democratizadora: legalizava os partidos políticos, normalizava o sufrágio, facilitando a difusão da opinião pública, bem como permitia a liberdade de reunião e organização da população em associações diversas. Tais conquistas permitiram de imediato a aprovação das leis de imprensa, de reunião e de associação. (ESTRADE, 1999, p. 160)

Nesse contexto, a sociedade cubana torna-se mais complexa mediante a emergência de novos grupos sociais que buscavam se organizar a fim de resguardar e defender cada qual seus interesses específicos, fossem eles de ordem econômica, étnica, religiosa etc. Surgiam assim as primeiras organizações, principalmente a dos setores sociais dominantes, com o propósito de preservar seus interesses, sobretudo econômicos. Entre elas destacam-se o *Círculo de Hacendados* (em suas sucessivas fundações), *Centro Agrícola e Industrial, a Câmara de Comércio, Indústria y Navegación*, o

---

<sup>6</sup> Ver, a propósito, GARCÍA ZERQUEIRA, 1998, p. 29.

*Grêmio de Fabricantes de Tabaco e a Liga de Comerciantes Importadores.* Tais elites fundaram também, por esta época os seus partidos políticos. Destes, finalmente, permaneceram dois: o Liberal Autonomista, e o Conservador, que foi batizado como *Unión Constitucional*. Em 1893, com grupos dissidentes deste último, formou-se o Partido Reformista. (GARCÍA ZERQUEIRA, 1998, p. 30)

Assim, os representantes do autonomismo cubano fundaram em 1878 o primeiro partido político legal (Liberal Autonomista), estruturado, dotado de um programa, à raiz do Pacto de Zanjón. Este partido alcançou logo uma notável influência na opinião pública (eleitoral), ao dispor de sólidos órgãos da imprensa e de uma considerável representação parlamentar nas Cortes. Seus porta-vozes, muitos representantes da elite açucareira, publicaram de forma constante e insistente uma abundante literatura política que cobriu os anos de 1878 a 1898. (ESTRADE, 1999, p. 161) Entretanto, contraditoriamente ao que se espera de algo que pela lógica deveria propor autonomia, quase sempre o Partido Liberal Autonomista posicionava-se contrário aos movimentos insurrecionais, separatistas ou independentistas, a exemplo do que ocorreu na insurreição de 24 de fevereiro de 1895 em Cuba, quando este partido tratou de fustigá-la.

Os principais representantes do autonomismo acabariam por integrar o breve ensaio de governo autonômico da ilha implantado em 1898, cuja experiência foi prontamente desbancada pela intervenção norte-americana após a vitória sobre as forças espanholas. Alguns destes dirigentes autonomistas mais comprometidos com a Espanha acabam saindo decepcionados com o desfecho do processo independentista. Todavia, alguns deles ocuparam na nascente república postos de honra, até de governo, assumindo assim um perfil totalmente diverso com relação a sua atuação passada, contrária ao movimento independentista e a favor do domínio espanhol, já que insistiam na afirmação de Cuba como nação branca espanhola.

Interessa saber, portanto, como alguns desses autonomistas - como Rafael Montoro, Antonio Govín, Eliseo Giberga e Rafael Fernández de Castro - puderam atuar na jovem república, uma vez que mal tinham acabado de difundir os ideais de uma “Cuba espanhola” e, de repente, após 1898, estavam declarando que naquele momento estavam diante de uma nação (Estados Unidos) com a qual passaram a se identificar enchartando assim idéias simpatizantes com relação a nação estadunidense<sup>7</sup> Porém, na verdade o paradoxo não foi tão absoluto, uma vez que, apesar dos fatos, o processo de guerra libertadora pouco modificou a concepção de nação desses autonomistas.

## A QUESTÃO NACIONAL NO DISCURSO AUTONOMISTA

Como caminho para a compreensão do posicionamento e da concepção de nação dos autonomistas cubanos propomos a análise de seus discursos, ao longo do período estudado. De uma forma geral, pode-se considerar que, antes de 1898, a Espanha era a nação tida para os autonomistas como referência. Entre 1878 e 1898, o discurso autonomista, em qualquer de suas formas, apontava para a negação da existência de Cuba como entidade nacional em um mundo de nações. A ilha não passaria, segundo a ótica autonomista, de uma porção ultramarina da nação espanhola, já que a Espanha a teria descoberto, colonizado e civilizado. (ESTRADE, 1999, p. 163)

Com efeito, o secretário da Junta Central do Partido Autonomista, Antonio Govín, assim afirmava em 1878:

*El peninsular tiene en Cuba su hogar, su cielo, su patria; el cubano a su vez tiene en España su hogar,*

---

<sup>7</sup> O próprio Montoro estava comprometido com a Espanha que o fez Conde Montoro, depois de haver sido encarregado de importantes embaixadas na Europa, foi secretário da presidência da república (1913-21) e logo secretário de estado no governo constituído pelo presidente Alfredo Zayas, e ex-autonomista também.

*su cielo, su patria. (...) Uno mismo es el suelo sagrado de la patria.*<sup>8</sup>

Na declaração acima percebe-se claramente a expressão de uma noção particular de pátria que, não restrita ao princípio de contigüidade territorial, via Cuba e Espanha como extensões do mesmo “solo sagrado da pátria”, obviamente, portanto, extensão da mesma pátria espanhola. Exatamente por manter tal postulação é que, entre outros motivos, o Partido Liberal Autonomista não titubeou em se unir aos conservadores contra alguns movimentos separatistas. Uma prova disto foi quando, em meio a crise que culminou em Havana com a constituição do “Movimento econômico” em 1892, o autonomista Eliseo Giberga afirmava que “*todos, conservadores y liberales, tenemos el empeño de mantener firme e incólume, la integridad nacional*”. (GIBERGA, 1930, p. 127)

Na verdade, o autonomismo cubano aspirava uma certa autonomia colonial mas não se envergonhava de que Cuba fosse colônia, uma vez que não almejava soberania e sim que reconhecessem sua peculiaridade de povo espanhol. Tais discursos tiveram na imprensa cubana o grande instrumento para sua ampla propagação, um meio privilegiado para a difusão de certos ideais que visassem consolidar uma homogeneidade nacional espanhola, conformados com a situação cubana de dependência, desde que garantido o bom andamento dos negócios açucareiros.

Já um outro membro do Partido Autonomista, F. A. Conte, declarava em 1892 que

*El reconocimiento de la colonia (...) supone el de una Metrópoli soberana e independiente; y la autonomía supone de hecho la existencia de una colonia*

---

<sup>8</sup> GOVÍN, Antonio: discurso pronunciado em La Habana, Burgay y Cia, 1995, p. 5. Este discurso foi publicado originalmente em *El Triunfo*, la Habana, em 28 de setembro de 1878. Este periódico foi um valioso instrumento do autonomismo em Cuba. Apud, ESTRADE, Paul. *El autonomismo criollo y la nación cubana (antes y después del 98)*, In: NARANJO OROVIO, Consuelo; SERRANO, C. *Imagenes e imaginarios nacionales en el ultramar español*. Colección Tierra Nueva e Cielo Nuevo, Consejo Superior de Investigaciones Científicas Casa Velázquez, Madrid, 1999.

*dependiente, sin sombra de independencia ni soberanía (...) La autonomía no concede a la colonia ninguna independencia, y menos, parte alguna de soberanía.<sup>9</sup>*

Como se pode observar, ao declarar que a autonomia supõe a dependência da colônia, o discurso acima deixa transparecer uma distorção clara de idéias e dos reais significados atribuídos aos conceitos de autonomia e soberania, bem como sobre a relação entre ambos. Percebe-se, em tais formulações, uma decidida vontade por parte destes representantes autonomistas de infundir na sociedade cubana conceitos que distanciavam cada vez mais da idéia de libertação nacional.

Em defesa de uma “nacionalidade ibérica”, o autonomista cubano Rafael Fernández de Castro assim se dirigia ao povo cubano em 1886:

*Representa en el concierto de la familia española, un espíritu regional tanto más respetable, cuanto equivale (...) a la resultante de todos los regionalismos que constituyen, en sublime armonía, la poderosa nacionalidad ibérica (...) tenemos el sentimiento del andaluz... tenemos la altivez castellana... tenemos el tesón del catalán... tenemos el vigoroso aiento del aragonés...<sup>10</sup>*

Um aspecto que nos chama a atenção no discurso acima é que, diante do esforço de seu autor por estender a nacionalidade ibérica ao território cubano, o elemento africano não aparece nesta enumeração. Sobretudo se consideramos que tal pronunciamento foi realizado no ano anterior à abolição da escravidão em Cuba, quando de certa forma a presença massiva do

---

<sup>9</sup> CONTE, F. Las Aspiraciones del Partido Liberal de Cuba. Apud ESTRADE, Paul. *El autonomismo criollo y la nación cubana (antes y después del 98)*. In: NARANJO OROVIO; SERRANO, C. *Imágenes e imaginarios nacionales en el ultramar español*. Colección Tierra Nueva e Cielo Nuevo. Consejo Superior de Investigaciones Científicas Casa Velásquez. Madrid, 1999, p. 159.

<sup>10</sup> Discurso de 3 de dezembro de 1886, pronunciado em Puerto Príncipe. FERNANDEZ DE CASTRO, Rafael. *Para la historia de Cuba. I Trabajos Políticos. La Habana, Propaganda Literaria*, 1899, p 106-107. Apud ESTRADE, Paul. *El autonomismo criollo y la nación cubana (antes y después del 98)*. In: NARANJO OROVIO, Consuelo; SERRANO, C. *Imágenes e imaginarios nacionales em el ultramar español*. Colección Tierra Nueva e Cielo Nuevo. Consejo Superior de Investigaciones científicas Casa Velázquez, Madrid, 1999, p. 159.

elemento africano em vias de libertação já inquiria os políticos e intelectuais da época sobre que papel este contingente étnico-social ocuparia num ideal de nação a ser construída. Mediante tal exclusão, conforme um critério pautado no estatuto jurídico e de cor, o povo cubano que se evocava, fiel ao princípio da “nacionalidade ibérica” acima expresso, era identificado apenas com os elementos brancos de procedência espanhola.

Por sua vez, outro autonomista cubano histórico, Eliseo Giberga, afirmava em 1895 que

*El pueblo cubano (...) es al propio tiempo un pueblo español y un pueblo americano, lo que le confiere infinitas posibilidades de desenvolvimento... y prepara el futuro.<sup>11</sup>*

No discurso acima há uma referência a um “povo americano”, o que de certa forma se diferencia um pouco por exemplo da perspectiva anterior de Rafael Fernandez de Castro sobre a nacionalidade ibérica, quando este último não se refere a nenhum componente ou elemento “americano”. Giberga chega, inclusive a afirmar acima que esta qualidade do povo cubano, de ser ao mesmo tempo español e americano, é que lhe conferiria “infinitas possibilidades de futuro.

Analizando de uma forma geral tais discursos proferidos pela correntes do autonomismo cubano, percebe-se, como pode ser ilustrado pela citação acima, a ocorrência de inúmeros subterfúgios progressistas e/ou futurísticos de que tais correntes lançaram mão. Porém, como já foi ressaltado anteriormente, o movimento autonomista cubano caracterizou-se por uma grande heterogeneidade. Tais imagens do povo cubano, basicamente de origem espanhola, não foram compartilhadas por todos os autonomistas de Cuba.

---

<sup>11</sup> Discurso de 15 de janeiro de 1895, pronunciado no Ateneo, Madrid por Eliseo Giberga. Apud ESTRADE, Paul. *El autonomismo criollo y la nación cubana (antes y después del 98)*. In: NARANJO OROVIO, Consuelo ; SERRANO, C. *Imagenes e imaginarios nacionales em el ultramar español*. Colección Tierra Nueva e Cielo Nuevo. Consejo Superior de Investigaciones Científicas Casa Velázquez, Madrid, 1999, p. 159.

Num esforço por ressaltar a especificidade do cubano, o autonomista Antônio Govín assim declarava em 1887:

*Al nacer en Cuba hemos venido a la vida con el sello de esa fatalidad, y, por lo mismo somos impotentes para otra cosa, aunque consintamos, como algunos desgraciados, en degradarnos. Por más que quisiéramos confundirnos con los andaluces o con los asturianos, sería vano nuestro empeño, irrisorio nuestro intento. Cubanos somos y cubanos hemos de ser, aunque nos pese. Hay en nosotros elementos irreductibles que nos dan una fisionomía especial en lo físico y en lo moral, obra toda de la naturaleza, no de la voluntad.<sup>12</sup>*

A fatalidade de ser cubano deveria assim, para Antonio Govín, ser assumida plenamente. Porém, percebe-se na citação acima que tal declaração em favor da especificidade do elemento cubano assume a forma de um lamento, exatamente por não se constituir numa “obra da vontade” e sim numa “obra da natureza”, ou seja, tratava-se em suma de uma fatalidade perante a qual não restaria outra atitude senão a da resignação. Percebe-se aqui, de forma sutil, como certos autonomistas cubanos, interessados em difundir o ideal de nação espanhola em Cuba, insinuavam um sentimento de negatividade com relação a aceitação do cubano como portador de uma cultura própria.

Assim, podemos já aqui identificar nos discursos analisados vestígios de uma tendência geral comum ao pensamento autonomista que, em que pese alguns matizes e variações, nada mais é do que a defesa implícita ou explícita de um determinado arquétipo de nação apoiado nos elementos étnicos da cultura espanhola. Alguns dos mais importantes extratos sociais, como as populações negra e mulata, que representavam à época cerca de um terço da população total da ilha (ESTRADE, 1999, p. 164), bem como os descendentes de índios americanos e os colonos de origem asiática ficavam

<sup>12</sup> Discurso pronunciado em 9 de janeiro de 1887, no Teatro de Santiago de Cuba. GOVÍN, Antonio Burgay y Cia, 1887, p. 252. Apud ESTRADA, Paul. *El autonomismo criollo y la nación cubana (antes y después del 98)*. In: NARANJO OROVIO, Consuelo; SERRANO, C. *Imágenes e imaginarios nacionales en el ultramar español*. Colección Tierra Nueva e Cielo Nuevo. Consejo Superior de Investigaciones Científicas Casa Velázquez. Madrid, 1999, p. 160.

sistematicamente excluídos desse ideal de nação cubana proposto pelos autonomistas. O que nos autoriza a afirmar que tal projeto era de uma nação “espanhola e branca”. Tal projeto ganhou as mentes e se difundiu ainda por meio de expressivos representantes da literatura cubana no século XIX, o que contribuiu ainda mais para o fortalecimento da tese de que “*La nación potencial la integran los criollos blancos y su nacionalidad intrínseca es la española*”. (ESTRADE, 1999, p. 164)

Porém, isto não impediu que alguns intelectuais da pequena burguesia negra e mulata, como Juan Gualberto Gómez ou Martín Morúa Delgado, ingressassem por algum tempo no Partido Liberal Autonomista, devido ao trabalho do partido a favor da abolição e dos direitos individuais. Isto explica, ao menos em parte, a adesão quase em seu conjunto das “sociedades de cor” à causa independentista em 1895.

Antonio Govín, quando já ocupava o cargo de Secretário de Governo, no governo autonômico de 1898, justificava assim as medidas repressivas, com relação aos negros, tomadas pelo Governador Civil de Pinar Del Rio:

*Lo que allí encontró el Sr. Freyre (dicho gobernador), fue pudredumbre. Era el continente negro; había que blanquearlo; había que sanear el suelo y purificar la atmósfera.*<sup>13</sup>

Assim, é nítida a linha racista dos principais dirigentes do Partido Liberal Autonomista, neste período estudado, expressada em seus discursos e práticas. A partir das citações anteriores de trechos dos discursos de alguns importantes representantes do movimento autonomista cubano, é possível notar claramente que a nação espanhola invocada pelos autonomistas estava simbolizada, conforme demonstram os exemplos dados, por elementos oriundos de determinadas regiões específicas da Espanha, como Castilha,

<sup>13</sup> Discurso pronunciado em 11 de junho de 1898. GOVÍN, Antonio. Burgay y Cia, 1898. Apud ESTRADA, Paul. *El autonomismo criollo y la nación cubana (antes y después del 98)*. In: NARANJO OROVIO, Consuelo; SERRANO, C. *Imágenes e imaginarios nacionales en el ultramar español*. Colección Tierra Nueva e Cielo Nuevo. Consejo Superior de Investigaciones Científicas Casa Velázquez, Madrid, 1999, p.161

Catalunha, Aragão, Andaluzia, Astúrias etc. No entanto, são praticamente inexistentes nos discursos autonomistas quaisquer referências aos espanhóis das Ilhas Canárias e da Galícia. Tal omissão ganha relevo quando se tem em mente que foram exatamente dessas regiões de onde partiram a maioria dos imigrantes espanhóis em direção a Cuba durante o período aqui tratado. Na verdade, embora os canários e galegos que aportavam em Cuba fossem em geral considerados pelas elites como ignorantes<sup>14</sup>, eles detinham ainda assim os requisitos básicos fundamentais para a integração no projeto de nação espanhola dos autonomistas: eram brancos e espanhóis.

Assim, a exclusão do negro, do índio, o esquecimento do imigrante canário e galego reflete um sentimento de superioridade cultural da classe dominante cubana. Para os autonomistas, Cuba era um território com forte potencialidade econômica, porém, com uma incômoda desvantagem étnica e cultural devido a heterogeneidade das raças que foram povoando a ilha.

A discussão com relação a nação, país, povo era uma constante. Independentistas, de um lado, e autonomistas, de outro, travavam uma grande polêmica em torno desses temas. Por meio de seus principais órgãos de imprensa – o jornal independentista *Pátria*, fundado por José Martí em 1892 e o jornal *El País*, fundado pelos autonomistas em 1885 – buscaram conscientizar seus leitores da legitimidade de seus respectivos projetos políticos e dos ideais de nação a eles associado.

A propósito dessa relação entre país, povo e nação, são ilustrativas as palavras proferidas em 1892 pelo autonomista F. A. Conte:

*Se existe un pueblo cubano, si llega a haberlo algún dia, se deberá sin duda alguna al error de haber*

---

<sup>14</sup> Ramón D. Hernandez aborda tais características atribuídas ao imigrante canário da seguinte maneira: “Ahora bien, este problema del campesinato, enlaza con estos, el relativo al nivel de cualificación de la fuerza de trabajo emigrante. Se insiste, ciertamente, en que la mayoría son analfabetos, lo cual ofrece pocas dudas acerca de la menor capacidad de inserción laboral de este colectivo migratorio para ocupar segmentos más provechosos para hacer la América. Pero al nivel de cualificación socioprofesional no se mide estrictamente por el grado de instrucción, máxime em um colectivo agrario cuya principal en América fue laborar en sus campos. (HERNÁNDEZ, 1992, p. 34). (Não está na bibliografia!)

*querido romper, no ya con el despotismo de la metrópoli y la supremacía del metropolitano, sino con la nacionalidad y el derecho incuestionable de España a ser la soberana en esta colonia, descubierta y poblada por sus hijos para elevarla a la categoría de país culto y productor.*<sup>15</sup>

O caminho autonomista projetado, conforme o sugerido acima por Conte, seria: de colônia a país, de país a povo, de povo a nação. Para este membro do movimento autonomista, em 1892 Cuba encontrava-se apenas na metade deste percurso.

Assim, tais autonomistas, por haverem nascido na ilha ou por haverem adotado-a como de origem peninsular sentiam um “amor” a “mãe pátria”. Para eles o conceito de povo condensava muito mais uma nação potencial, que não incluía evidentemente as classes mais baixas da sociedade cubana. Sobre isso, assim se manifestava Eliseo Giberga:

*Aún hoy no es, ni será nunca la patria únicamente el territorio en que se nace: aún es y siempre será aquella entidad, tan real, aunque invisible e impalpable, la atmósfera, en que entra el territorio dentro del cual se fija y dilata, pero también algo más que el territorio: los recuerdos del pasado, las aspiraciones del presente, los sueños para el porvenir, el modo común de ser y de sentir, la fraternidad en el afecto de los conciudadanos la comunidad de carácter de sentimientos; de ideas de aficiones; las instituciones y costumbres propias e ingenitas (...), la sangre que heredamos y las palabras que aprendemos en la cuna.*<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> CONTE, F. A. *Las aspiraciones. Texto recorrido por Luís Estévez y Romero em Desde el Zanjón hasta Baire.* 2 ts, La Habana, E'ditorial de Ciências Sociales, 1974, t. II, p. 105. Apud ESTRADE, Paul. *El autonomismo criollo y la nación cubana (antes y después del 98).* In: NARANJO OROVIO, Consuelo; SERRANO, C. *Imágenes y imaginarios nacionales em el ultramar español.* Colección Tierra nueva e Cielo Nuevo. Consejo Superior de Investigaciones Científicas Casa de Velázquez. Madrid, 1999, p. 162.

<sup>16</sup> Discurso de 22 de fevereiro de 1892 por GIBERGA, Eliseo em La Habana. Apud ESTRADE, Paul. *El autonomismo criollo y la nación cubana (antes y después del 98).* In: NARANJO OROVIO, Consuelo; SERRANO, C. *Imágenes e imaginarios nacionales em el ultramar español.* Colección Tierra Nueva e Cielo Nuevo. Consejo Superior de Investigaciones Científicas Casa Velázquez. Madrid, 1999, p. 163.

## CONTRADIÇÕES E FRACASSO DO PROJETO AUTONOMISTA

Após 1898, aqueles autonomistas que afirmavam ser Cuba uma nação espanhola acabaram por incorporarem-se a uma nova ordem institucional e a imporem-se em um sentido conservador à nova nação emergente. Suas explicações estiveram cheias de contradições em um primeiro momento. Aos espanhóis atribuíam a culpa por haverem sido incapazes de prevenir a guerra; aos revolucionários cubanos por fazê-la precipitadamente e de haver provocado a intervenção estrangeira e aos norte-americanos por haverem aproveitado a situação tão oportuna à intervenção na ilha.

Alguns valorizaram a situação explicitando o pragmatismo, o progressismo e o democratismo estadunidenses. Sem muitos escrúpulos se despojaram da nacionalidade que vestiram, no caso a espanhola, como se esta fosse aquela arcaica e soberba. Porém, outros agarraram-se ainda mais à tradição e a cultura hispânica, ante o perigo de que uma incontrolável nação forânea destruísse a civilização latina de seu país. Com isto, se deram momentaneamente as contradições e divergências dentro do autonomismo em Cuba. (ESTRADE, 1999, p. 168)

Em 1887, o autonomista cubano Eliseo Giberga qualificava a tendência anexionista dos fazendeiros de “anexionismo materialista”, inspirada unicamente “*En el afán de mejorar la situación material del país y con ella la de las fortunas privadas*”. (apud ESTRADA, 1999, p. 169) Assim, Giberga condenava esta tendência rotundamente. Em 1887, assim se manifestava:

*Nuestra patria, nuestra Cuba, la que constituímos nosotros, la que conocemos, la que amamos, la que forma un pueblo, como tal distinto de los demás, con su propio y peculiar espíritu, desaparecería para siempre con la anexión.*<sup>17</sup>

<sup>17</sup> Discurso de 31 de maio de 1887 ante o Círculo autonomista de La Habana. GIBERGA, Eliseo, 1887. Apud ESTRADA, Paul. *El autonomismo criollo y la nación cubana (antes y después del 98)*. In: NARANJO OROVIO, Consuelo; SERRANO, C. *Imágenes e imaginarios nacionales en el ultramar español*. Madrid, 1999, p. 164.

Entretanto, por outro lado, já a partir de 1884 até por volta de 1886, muitos autonomistas miraram com admiração e esperanças para o seu norte salvador: os Estados Unidos da América. Assim, quando do desfecho da guerra de independência, preferiram a ocupação militar, que significaria a penetração econômica, financeira e a institucionalização da dependência política. Os ex-autonomistas já não extraiam da guerra de independência a quantidade de sacrifício e heroísmo, nem a força de um sentimento pátrio, que durante anos disseminaram para a população em Cuba, nem o fortalecimento da unidade e a consciência nacional. Segundo eles, a guerra acabava de revelar as tendências violentas e anárquicas de um povo imaturo para a independência absoluta.

É assim que assistimos entre os próprios autonomistas uma certa divisão entre aqueles que desejavam a anexação de Cuba aos Estados Unidos, em função de critérios sobretudo de racionalidade econômica, ainda que muitos a defendessem apenas de forma reservada; e aqueles que, ao contrário, rechaçavam tal possibilidade em função de critérios sentimentais. Não era raro que um mesmo indivíduo autonomista vacilasse contraditoriamente entre as duas possibilidades. É assim que tal dualismo foi consubstancial ao autonomismo cubano. (ESTRADE, 1999, p. 164)

O órgão oficial de imprensa do autonomismo, o jornal *El País*, quando de seu surgimento em 1885, apresentava expressamente como missão censurar os atos do então governo colonial. Extinto o *El País* em 31 de dezembro de 1898, com o final da guerra, o mesmo diretor Ricardo Del Monte, lança no dia seguinte um novo jornal *El Nuevo País*, com o perfil claro de um diário político conservador. Divulgava agora textos como este:

*El pueblo cubano agradecido e satisfecho de auxiliar a sus salvadores con la mejor voluntad, teniendo presente que tanto más pronto llegará el momento de verse único dueño de sus propios destinos como nación americana, cuanto más eficaz sea la cooperación que presenten para la obra benéfica que*

*por ahora incumbe al gobierno provisional que hoy se inaugura.<sup>18</sup>*

Sobretudo, a partir de então, os ex-autonomistas consideravam que seria desejável a extensão à ilha das vantagens que uma nação industrial próspera poderia oferecer. Além disso, para eles, a presença estadunidense contribuiria para impedir a anarquia que forçosamente a independência absoluta tivesse acarretado consigo. Os ex-autonomistas, cujos interesses estavam vinculados principalmente à produção e exportação do açúcar, não puderam senão regozijar-se da nova conjuntura.

Segundo o depoimento de Rafael Fernandes Castro, proprietário dos engenhos Nuestra Senhora del Carmen e Lotería, na região de Jaruco, província de Havana, a intervenção norte-americana era vista positivamente:

*Porque (...) si la intervención extranjera hubiera tomado orientación diversa de la que ha demostrado en su actual tutela (...), o hubiera limitado su acción a poner fin a la contienda desalojando de nuestro territorio al poder español y entregado el país a la población cubana sin condiciones morales y materiales para consolidar su establecimiento y sin elementos con que conservar, mantener y defender una soberanía que presupone deberes superiores a nuestras fuerzas para cumplirlos, a estas horas habría empezado ya para nuestra patria la era funesta de sediciones y pronunciamientos, de rebeliones y contumacias, de locuras y crímenes que han caracterizado, por ley de raza y de herencia, la vida entera de casi todos los pueblos latinos y mestizos de América. (apud ESTRADE, 1999, p. 167)*

Este depoimento leva a uma reflexão a respeito de como era aceita com certa naturalidade a intervenção norte-americana na ilha. A ênfase era na condição de impotência e incapacidade dos setores sociais cubanos de exercer a soberania sem a ajuda de uma potência “superior”, os Estados Unidos. No

---

<sup>18</sup> Estes extratos aparecem no artigo *El Triunfo. (antecesor de El País) del Diccionario de la Literatura cubana*. 2ts., La Habana, ILL y Letras Cubanas, 1984, t. II, p. 1034. Apud ESTRADE, Paul; SERRANO, C. *El autonomismo criollo y la nación cubana (antes y después del 98)*. In: NARANJO OROVIO, Consuelo; SERRANO, C. *Imágenes e imaginarios nacionales en el ultramar español*. Madrid, 1999, p 166.

fundo, tal postura contribuía para o benefício dos interesses do sistema açucareiro. Prosseguiam assim os ex-autonomistas, nesse novo contexto, mantendo um pensamento negativo e discriminatório em relação ao povo cubano. Diante da suposta incapacidade e impotência para preservar a soberania e constituir uma nação próspera por seus próprios meios, a solução vislumbrada era o protetorado que, bem ou mal, poderia preservar e assegurar os interesses econômicos do setor açucareiro. (ESTRADE, 1999, p. 167)

Deste modo, 1898 marcou a mudança de paradigma de nação: antes a nação invocada como cubana era a espanhola. Após 1898, quando aqueles mesmos autonomistas que trataram de forjar em Cuba uma população espanhola “branca” assumem o governo autonômico, os interesses estadunidenses falam mais alto e logo aquela nação antes almejada seria refugada e o modelo de inspiração cultural passaria a ser da nação que imaginavam ser a que melhor beneficiaria o sistema açucareiro e logicamente os interesses particulares dos proprietários. Isto explica ao menos em parte esta mudança de atitude dos autonomistas, o que não significa que houvessem entre eles diferentes interpretações sobre este tema.

A independência mediatizada viria a corresponder de modo adequado ao ideal surgido a decênios atrás entre os reformistas, muitos deles representantes da elite açucareira: uma ampla autonomia, ainda que não dispusesse dos atributos da soberania política, porém desde que os assuntos econômicos e culturais fossem resolvidos. Ou seja, estavam mais interessados em soberania mercantil e não soberania política.

Eliseo Giberga, aquele mesmo autonomista que invocava o modelo de nação espanhola para Cuba, encarregava-se agora de justificar uma delicada postura no governo autonômico:

*No sería peligrosa temeridad, impropia de um partido conservador (ya el suyo), y preñada de graves consecuencias, no sería contraria a la prudencia, además de ser contraria al patriotismo, toda oposición al advenimiento de la independencia nacional? Pero, es posible la independencia? (...) Por fortuna el mismo*

*pueblo cuya política tradicional había sido siempre la aspiración a la posesión de Cuba, al adueñarse de ella, bajo los estrictos y solemnes compromisos que hubo de contraer, vino a cambiar de tal suerte las condiciones, que fueron resueltas algunas de las dificultades que se oponían al establecimiento de una República independiente en Cuba. Hay que reconocer los beneficios que por tal causa nos ha traído la intervención americana. Por de pronto aseguró el orden, restableció la paz, se impuso el respeto de todos y evitó el mayor y más inminente de los peligros de toda revolución: el imperio de la anarquía, la imposición de fuerzas ciegas e irresponsables con su cortejo de ruina y de horror. (apud ESTRADE, 1999, p. 167)*

Eleito deputado pela União Democrática do partido conservador, Giberga votou em 1901 a favor da Emenda Plat. Este, para ele, era o meio que permitia frear o processo e o acesso à independência absoluta, vista como prematura e perigosa. Era “*La autonomía contra la nación cubana*”. (ESTRADE, 1999, p. 167)

Com efeito, segundo afirma Paul ESTRADE, o autonomismo cubano antes de 1898, sem exceção alguma, situou e definiu Cuba como parte integrante da nação espanhola. Se opôs à idéia de que a nação cubana pudesse ser conquistada e consolidada com suas próprias forças mediante a obtenção da independência política. Se opôs aberta e praticamente a todos os intentos separatistas, em seus vinte anos de vida (1878-1898). É portanto, um dos motivos pelo qual estavam aliados aos interesses agro-exportadores, somando-se a isto que os movimentos insurrecionais causavam sérios prejuízos aos fazendeiros. (1999, p. 169)

Depois de 1898, o ex-autonomismo, adaptando-se com rapidez e inteligência à nova conjuntura em princípio adversa, não rechaçou o plano de uma nação cubana, porém prorrogou sua concretização. Considerou que era necessário seguir

*Educando al pueblo y preparando las condiciones, sin alborotar la dicha paz traída por el interventor. Bajo la tutela de éste puede nacer a mediano plazo*

*una nación disciplinada y civilizada. (ESTRADE, 1999, p. 169)*

Segundo Paul ESTRADE, antes de 1898, o autonomismo cubano teve por nação àquela que o amo, ontem hispano e depois yanqui tinha por tal. Antes: Espanha. Depois: Cuba. O autonomismo estruturado, ou seja, o Partido Liberal Autonomista, expressou reiteradamente as aspirações de uma classe de fazendeiros, sempre pronta para negociar com os governos metropolitanos (Madrid, Washington) o espaço de liberdade que necessitava, espaço este que compartilhava com o povo cubano, a quem tinha por imaturo, anárquico e perigoso. Se deu por tarefa defender a ordem da elite contra as ameaças de subversão que associou à consagração de uma nação cubana de ampla base social mestiça. (1999, p. 169)

A análise feita neste capítulo, com relação ao comportamento do movimento autonomista cubano, permitiu que se identificasse sua heterogeneidade, bem como possibilitou a extração de indícios racistas de cunho nacionalista impregnados no pensamento de alguns de seus representantes. Permitiu-se, sobretudo, um abarcamento do processo de mudança de paradigma com relação ao modelo cultural que os autonomistas tentaram constantemente infundir no pensamento cubano. E, por fim, o desfecho deste processo acabou por comprovar como os autonomistas que atuaram pela causa açucareira da região ocidental de Cuba estiveram carregados de idéias progressistas e interesses distanciados ao da libertação nacional.

## OS PROJETOS DE DEPENDÊNCIA E DE LIBERTAÇÃO

Um outro caminho possível para uma melhor compreensão da gênese, trajetória e natureza geral do movimento autonomista cubano é confrontando-o, comparando-o criticamente com aquele projeto político que, de certa forma, representava a sua antítese: o projeto independentista. Tal abordagem teria a

vantage talvez de enfatizar a análise do contexto contraditório e de enfrentamento político, econômico e ideológico entre ambos os projetos, sem a qual não seria possível compreender a fundo a essência do movimento autonomista. É o que propomos a realizar em seguida, apoiando-nos e dialogando de forma privilegiada com um relevante estudo do tema elaborado pelo historiador cubano Pedro PABLO RODRÍGUEZ (1998).

Os trinta anos decorridos entre 1868 e 1898 marcaram a época da exposição de dois projetos em Cuba: o da dependência e o da libertação nacional. E, foi basicamente entre as décadas de 1880 e 1890 o seu momento mais expressivo. No interior de ambos os projetos havia uma consciência de uma sociedade cubana em crise e que necessitava ser remodelada. Para o historiador cubano Pedro PABLO RODRIGUEZ, tal crise era expressão, sobretudo, da presença determinante de traços pré-modernos na sociedade insular, basicamente a escravidão como sistema de trabalho e o absolutismo como sistema político. Por isso ambos projetos coincidiram em manifestar explicitamente a vontade de assumir uma modernização do país, porém, com perspectivas diferentes. (1998, p. 15)

O projeto dependente gestava-se, na verdade, desde um período anterior à guerra dos dez anos entre 1868 a 1878. Seu propósito central era o desenvolvimento econômico circunscrito no setor exportador de açúcar e tabaco. A aspiração era assegurar a continuidade dos mercados para as tradicionais produções cubanas, promovendo a inserção do país nas relações internacionais de então.

*Parecía ya tan inalcanzable el introducirse como protagonista en la revolución científica y técnica que caracterizó los decenios finiseculares, que la pretensión se redujo simplemente a servirse de aquella como meros consumidores. Qué decir entonces del acelerado proceso de maquinización industrial, cuando en Cuba únicamente se pretendía su práctica mediante la conversión del ingenio en central, sin transformar las técnicas agrícolas y mediante el sostenimiento del sistema plantador en cuanto al uso de la fuerza de trabajo manual.* (PABLO RODRÍGUEZ, 1998, p. 15)

O sentido de “progresso” daquele momento foi assim levado à assimilação do forâneo. Criou-se o slogan, utilizado repetidamente, “sin azúcar no hay país”. Este projeto de dependência foi formulado e exposto sistematicamente, sobretudo através dos veículos de informação e sob o comando advindo das forças autonomistas e intelectuais. Esta diligência, bem ativa na política e na vida pública cubana até 1898, sustentou, segundo afirma Pedro Pablo Rodríguez, o evolucionismo a partir de Hegel, o positivismo comtiano e até o darwinismo social. Proclamou-se, assim, uma psicologia de raiz hispânica. Porém, acabou por projetar-se nos Estados Unidos, como modelo desejado. PABLO RODRÍGUEZ se pergunta diante da leitura dos autonomistas: “*hasta dónde el talento y el conocimiento pueden darse la mano con la ingenuidad, o sí aquellos estuvieron presididos por un realismo conformista*”. (1998, p. 15)

Na verdade, o comportamento autonomista cubano não foi nada ingênuo, nem tampouco conformista. Esteve desprovido de uma atuação sistemática de libertação nacional. Seus ideais sofreram uma maior influência do aspecto do desenvolvimento tecnológico na ilha, bem como esteve influenciado por idéias de modernidade importadas da Europa e projetadas a princípio na Espanha e depois Estados Unidos. Por isso este processo pode ser denominado como projeto dependente, visto que insistia em manter vivas idéias que davam ênfase numa visão de si mesmos como incapacitados ou não auto-suficientes para terem uma cultura própria. Tudo em benefício da causa açucareira, que parecia ser a que ocupava o primeiro plano no rol de reivindicações autonomistas.

Este projeto dependente foi exposto por Rafael Montoro quando defendia a celebração de um tratado de reciprocidade comercial entre Espanha e Estados Unidos. Assim, mediante a conversão da ilha em abastecedora de açúcar aos Estados Unidos, poder-se-ia desfrutar de uma modernidade, emitida desde um pólo superior, porém com vistas a obter um futuro promissor. Já não existiria mais o domínio colonial espanhol, que na verdade os autonomistas não questionaram. Passaria então a vigorar uma nova

dominação baseada no controle das fontes produtivas do país. Esta meta esteve presente no seio autonomista já de maneira mais incisiva desde a década de 80 do século XIX, visto que tratavam de anunciar a inviabilidade da relação de Cuba com a Espanha ante a influência crescente dos Estados Unidos na ilha. (PABLO RODRÍGUEZ, 1998, p. 16)

Assim, não se pode deixar de evidenciar a liderança assumida dos setores açucareiros que utilizavam a força autonomista como instrumento de expressão do conformismo ante a situação de dependência estadunidense. Por isso, os autonomistas foram somados de modo natural a este modelo dependente assumido pela elite açucareira com o impulso do capital monopolista dos Estados Unidos.

Em contrapartida, e concomitantemente a este projeto de dependência, outro projeto, o de libertação nacional era explicitado, sendo José Martí seu líder de maior expressividade. A gênese deste projeto já vinha desde as tentativas independentistas do início do século XIX, propiciadas pelos setores populares e por lutas armadas. A gestação deste projeto foi longa, uma vez que os setores populares não eram uma classe social definida, nem dispunham de uma intelectualidade própria. Este projeto buscava sustentar a república sobre a base do pequeno camponês como garantia do equilíbrio social, ao desconcentrar a distribuição da terra e ampliar um mercado consumidor interno com diversificação agrícola e uma indústria produtora com matérias primas nacionais. Os mercados exteriores deveriam também diversificar as relações internacionais da ilha incitando a uma maior presença das potências européias para assim compensar o poderio crescente dos Estados Unidos. Tratava-se de harmonizar o equilíbrio interior e contribuir para mantê-lo sem que a balança inclinasse para a hegemonia de alguma potência. (PABLO RODRÍGUEZ, 1998, p. 16)

Portanto, o projeto martiano, segundo tal análise, ia mais além dos limites que colocavam as reformas liberais vigentes; sua república “com todos e para o bem de todos”, não poderia ser de exclusões internas, ou seja, sem os tradicionalmente excluídos setores populares. Assim a modernização cubana e

latino-americana proposta por Martí estava composta pela justiça social efetiva e tratava de aproveitar o processo modernizador de então em função das grandes maiorias. Vem daí, então, sua autoctonia, assunto que Martí enfatizou ao rechaçar a aceitação de modelos alheios. Pedro PABLO RODRIGUEZ conclui:

*Se hubo un modelo en el proyecto martiano, este se hallaba en el conocimiento de la propia historia y los problemas continentales, con el ánimo de resolverlos en beneficio de las clases populares y trabajadoras en sentido amplio, y no de las oligarquías. Era un proyecto para las mayorías y no para minorías hegemónicas y dominadoras. De ahí su sentido liberador. (1998, p. 17)*

Assim, os homens, grupos, as gerações cubanas daquele final de século XIX tiveram diante de si um grande problema: o de recompor a sociedade plantadora. Tinham de fazê-lo em um país relativamente pequeno com um forte sentido nacional desenvolvido durante dez anos de guerra. Assumiram as opções que seu tempo histórico os ofereceu, mediados pela historia particular da ilha e os diversos interesses ali presentes.

Para todos, sem dúvida, tratava-se de impulsionar Cuba pelos novos prismas da modernidade capitalista, e provavelmente, em todos primavam os desejos de avanço em seu país. Contudo, para os criadores e impulsionadores autonomistas do projeto dependente o país definia-se a partir da minoria proprietária que representavam e cujos interesses eram expostos como comum a todos os cubanos. O projeto dependente era, sem dúvida, viável para a elite açucareira cubana.

Com efeito, implantou-se o modelo de dependência, o qual provocou profundos desequilíbrios, sem resolver aqueles problemas que vinham desde o período colonial. Foi se criando um sentido de insatisfação e frustração com a nova dominação. O modelo dependente foi colocado em prática pela combinação dos grandes grupos de interesse: os daqueles setores que, dentro de Cuba, haviam organizado-se desde os anos 80, e dos que, desde os

Estados Unidos, encontravam-se favoráveis a este tipo de relação com a ilha. Não obstante, para os setores internos beneficiários, sua implantação foi desejada e se viu prestigiada por associar-se aos Estados Unidos como modelo, cujos aspectos fundamentais eram considerados superiores aos da Espanha. (PABLO RODRÍGUEZ, 1998, p. 18)

Assim, autonomismo e revolução polarizavam as idéias em Cuba. Na realidade diária daquelas circunstâncias históricas, o problema era muito mais complexo que a pequena decisão de criticar a Espanha e, ao mesmo tempo, manter-se unido a ela.

Em vários momentos deste capítulo fizemos referência a uma possível relação entre o movimento autonomista cubano e a elite açucareira ocidental. Após esse esforço, no âmbito deste capítulo, de caracterização em linhas gerais do movimento autonomista cubano, torna-se necessário, antes de aprofundar a análise sobre a citada relação, de identificar alguns elementos fundamentais que caracterizam o discurso e a conduta da elite açucareira cubana, tal qual fizemos aqui com o movimento autonomista. É o que faremos no próximo capítulo.

## Capítulo III

### **A ELITE AÇUCAREIRA OCIDENTAL CUBANA E SUA POLÍTICA MIGRATÓRIA**

#### O FENÔMENO MIGRATÓRIO CUBANO NA HISTORIOGRAFIA

Antes de falar especificamente da política migratória da elite açucareira ocidental cubana, é preciso destacar, ao menos de passagem, o contexto mais amplo dos processos migratórios para Cuba e, sobretudo, como os mesmos têm sido tratados pela historiografia. Na verdade, os processos migratórios em direção a Cuba tem sido objeto, nas últimas décadas, de um amplo leque de estudos e abordagens historiográficas, que, por sua vez, têm oferecido uma importante contribuição à compreensão da história cubana em suas múltiplas dimensões.

Há que se considerar que mesmo alguns estudos clássicos que, ao visarem a construção de uma História Geral de Cuba, abarcando o conjunto dos aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais<sup>19</sup>, incorporaram em suas abordagens os fenômenos migratórios. Sob a influência do marxismo e de outras vertentes da história econômica, há ainda uma importante corrente historiográfica que tem tratado tais processos migratórios subordinados às estruturas<sup>20</sup>. E, mais vinculada à história política, há também uma vertente que

---

<sup>19</sup> É o caso por exemplo de Fernando ORTIZ (1963) e Manuel MORENO FRAGINALS (1995).

<sup>20</sup> Entre os autores desta linha destacamos Ramón DÍAZ HERNANDEZ (1984).

tende a explicar os processos de migração, sobretudo aqueles que se originaram das ilhas canárias e de outras províncias espanholas, a partir do ponto de vista das elites<sup>21</sup>. Tal vertente, ao considerar a migração como uma mera imposição das elites e não observar o peso da participação do migrante no processo de opção pela imigração, acaba por ignorar o protagonismo do imigrante, que passa a ser visto como um sujeito passivo e impotente diante de deliberações superiores que desencadeiam o processo.

Uma importante iniciativa para o incremento dos estudos sobre os processos migratórios em direção a Cuba se deu a partir de 1976, com a realização de congressos canário-americanos<sup>22</sup>, os quais, além de debaterem temas da história e cultura cubana em geral, têm privilegiado a questão da imigração, sobretudo canária, para a ilha de Cuba. Por outro lado, um tema que tem sido bastante tratado ultimamente pela historiografia, bastante associado aos processos migratórios cubanos, é o da “eugenia”, enquanto idéia e prática presente nas políticas migratórias das elites cubanas que muito têm contribuído para a compreensão das questões raciais vivenciadas em Cuba.

Assim, em que pese as múltiplas abordagens a que o tema é submetido, no âmbito deste trabalho, e mais particularmente deste capítulo, nosso foco central converge para os processos migratórios articulados pela elite açucareira ocidental da ilha.

---

<sup>21</sup> Esta corrente esteve representada principalmente pelos seguintes autores: PUENTE EGIDO, Jose. Canarias y el continente africano. VI Colóquio de Historia Canário-Americana, 1984. Tomo III. Lás Palmas: Cabildo Insular de Gran Canária, 1987. PALAU, M. Arribas. Documentacion sobre Canárias em el Archivo Histórico Nacional. VI Colóquio de Historia Canário-Americana, 1984. Tomo III. Las Palmas: Cabildo Insular de Gran Canária, 1987. MORALES LEZCANA, Victor. Puertos españoles em África. VI Colóquio de Historia Canário-Americana 1984. Tomo III. Lás Palmas: Cabildo Insular de Gran Canária, 1987.

<sup>22</sup> Morales Padrón, da Universidade de Sevilha, foi o responsável pela idealização e elaboração de congressos canário-americanos desde 1976. Assumiu a coordenação de Colóquios de Historia Canário-Americana, que são publicações destas conferências sobre as questões que envolvem a historiografia cubana e canária.

## A POLÍTICA MIGRATÓRIA DA ELITE AÇUCAREIRA OCIDENTAL

Dentre os diferentes seguimentos ou forças que se entrecruzaram no cenário histórico cubano da segunda metade do século XIX, esta pesquisa privilegia a elite açucareira da parte ocidental da ilha, uma vez que a mesma assumiu reconhecida participação no processo de formação nacional em Cuba, não só como uma das mentoras de projetos de imigração branca para a ilha, mas também como força coadjuvante do pensamento autonomista cubano do final do século XIX.

Os interesses relativos ao crescimento econômico em Cuba eram muitas vezes divergentes, sobretudo quando se levava em conta as oposições claras entre as forças econômicas açucareiras orientais e ocidentais. No final do século XIX, havia alguns fazendeiros, a maioria da parte oriental da ilha, que ainda defendiam a continuação do trabalho escravo para manter o crescimento econômico e que, assim, acabavam contribuindo para manter a ilha como colônia espanhola.

Havia entretanto outras correntes de pensamento que coincidiam pelo menos em um ponto comum: buscar uma transformação do sistema agrícola cubano que possibilitasse, a médio ou longo prazo, o início de cultivos menores para o abastecimento interno, uma diversificação agrícola, um maior aprendizado na agricultura e a introdução de novas técnicas. As transformações agrícolas e a difusão da agricultura prática permitiriam a introdução de colonos e trabalhadores brancos, que seriam encaminhados para ocupação de zonas despovoadas e, posteriormente, para trabalhar na indústria açucareira na condição de colonos ou assalariados. Dentre esses grupos heterogêneos, havia aqueles que queriam uma efetiva transformação econômica de Cuba, longe do monocultivo açucareiro, que consideravam o trabalho livre como única solução no futuro para a economia cubana. Por outro lado, muitos consideravam que a população era o elemento principal da nacionalidade de Cuba, e que o requisito básico para ser cubano era ter a cor “branca”. Para este grupo de pessoas era imprescindível o aumento rápido

deste tipo de população através da colonização. (MORENO FRAGINALS, 1995, p. 78)

Será dirigido a esta última camada da elite açucareira o principal enfoque deste estudo, visto que o universo imaginário desta elite identificava-se substancialmente com o modelo autonômico pleiteado em Cuba. Tal elite encontrava-se na parte ocidental da ilha, de onde partiram os diversos projetos de imigração branca espanhola.

Já desde a primeira metade do século XIX ocorrem os primeiros planos de colonização branca em Cuba. Por meio de diversos programas de incentivo à imigração para a ilha, chegaram milhares de imigrantes vindos da península e das Ilhas Canárias. O papel da elite açucareira ocidental cubana, como afirma Ramiro GUERRA Y SANCHEZ, foi decisivo, pois tais grupos:

*...abogaron energicamente por la inmigración y colonización blancas, sin que muchos de ellos, los de más enérgico y elevado espíritu, cejasen en su empeño... (1970, p. 145)*

Esta elite utilizou-se da política migratória como instrumento primordial para atender as necessidades de mão-de-obra “qualificada”, já que o branco era considerado superior de acordo com a ótica da elite açucareira ocidental cubana, o que acabava privilegiando a tentativa de se forjar uma cultura nacional branca. Assim, esta elite lançou mão de uma política migratória que, ao elaborar e efetivar os projetos de incentivo à imigração espanhola branca para a ilha, contribuiu para a formação de um novo cenário onde seriam introduzidos os novos contingentes migratórios. Tais ações provocaram de imediato um forte impacto no crescimento populacional da ilha e a implantação de uma nova e complexa dinâmica demográfica.

A fim de identificar os aspectos mais relevantes de tal dinâmica demográfica e o conseqüente impacto da imigração branca, como via de compreensão dos efeitos dessa política migratória da elite açucareira ocidental,

passemos a analisar alguns dados referentes ao aumento populacional cubano a partir dos Censos de 1861, 1877, 1887 e 1899.

QUADRO I

ANO	POPULAÇÃO TOTAL	POPULAÇÃO BRANCA	POPULAÇÃO DE COR
1861	1.396.530	793.484 (56,82%)	603.046 (43,18%)
1877	1.509.291	1.023.394 (67,81%)	485.897 (32,19%)
1887	1.631.687	1.102.889 (67,59%)	528.798 (32,41%)
1899	1.572.797	1.067.354 (67,86%)	505.443 (32,14%)

Fonte: *Departamento de La Guerra, Oficina Del Director Del Censo de Cuba. Informe sobre el censo de Cuba, 1899. Washington, Imprenta del Gobierno.*

QUADRO II  
Taxa de Crescimento Anual

ANO	1861	1877	1887	1899
%	1,63	0,54	0,70	-0,31

Fonte: *La Población de Cuba. Centro de Estudios Demográficos. Editorial de Ciencias Sociales, la habana, 1976. Biblioteca Nacional Jose Martí. Habana, Cuba.*

O período em 1861 e 1877 cobre o espaço de tempo em que ocorreu a primeira guerra independentista, a guerra dos dez anos. Apesar de não se ter encontrado os dados referentes ao número de óbitos, bem como de nascimentos, é sabido que milhares de pessoas foram mortas no advento desta guerra. E no entanto, apesar de um decréscimo na taxa de crescimento anual, esta população aumentou em 112.761 habitantes em 1877, e em 1887, 122.396 respectivamente.

Ao convertermos os dados brutos em percentual da população total, o que podemos afirmar é que houve um aumento da população branca juntamente com uma diminuição da de cor, mais precisamente no período entre 1866 – 1877. Porém é bom levar em conta que nesse período, ocorreu uma maior necessidade de força de trabalho e obviamente o emprego de um

maior contingente de mão-de-obra branca assalariada, o que justificaria as mudanças demográficas.

Um dado importante a se destacar é que, por exemplo, no formulário empregado no censo de 1889 para a coleta dos dados, constava um campo no qual se solicitava o preenchimento das informações sobre “cor” e “raça”, pedindo ainda para que se designasse se tratava de um indivíduo “cubano, espanhol ou estrangeiro”. Tais dados referentes à raça e à cor da pele eram assim solicitados mediante o emprego de termos de cunho racista. (INFORME SOBRE EL CENSO DE CUBA, 1899).

Assim, os dados censais acima expostos deixam transparecer a política de imigração levada a cabo em Cuba, ainda que houvesse outros elementos que contribuíram à imigração para Cuba, mantendo um ritmo de crescimento populacional progressivo.

Nos quadros abaixo (III, IV e V) apresentamos dados sobre a população ativa. A população ativa é aquela que se encontrava em atividade ou trabalhando ou apta para o trabalho residente em Cuba no ano de 1899, segundo o local de nascimento, idade e profissão, respectivamente. Embora os dados censitários encontrados não tenham permitido uma análise exclusiva da população de imigrantes, porém, foram encontrados dados referentes a toda a população residente em Cuba em 1899, estando incluídos aí tanto imigrantes nascidos no estrangeiro e residentes em Cuba como cubanos nascidos e residentes em Cuba. Por outro lado, os dados levantados permitem a identificação da quantidade de espanhóis residentes em Cuba.

No Quadro III abaixo está exposta a população total residente em Cuba no ano de 1899 de acordo com a origem de nascimento.

QUADRO III

<b>POPULAÇÃO TOTAL</b>	<b>1.470.942</b>
ESPAÑÓIS	947.032
ESTRANGEIROS	3.417
ASIÁTICOS	40.327
COR	480.166

Fonte: *Províncias de Ultramar – Población de las Islas de Cuba, Puerto Rico y Fernando Póo y del Archipiélago Filipino, 1877*

Observe-se acima a quantidade de imigrantes nascidos na Espanha que viviam em Cuba (cerca de 62,23% da população residente total), o que demonstra uma predominância espanhola sobre as demais procedências, donde se conclui que a nacionalidade espanhola era a invocada preferencialmente nas políticas de migração.

QUADRO IV

População de imigrantes com relação à idade

<b>IDADE</b>	<b>%</b>
O A 9 ANOS	22,70
10 A 19 ANOS	25,81
20 A 29 ANOS	18,59
30 A 39 ANOS	13,88
40 A 49 ANOS	9,24
50 A + 100 ANOS	4,78

Fonte: *Informe sobre el censo de Cuba, 1899.*

O Quadro IV demonstra que cerca de 60% da população de imigrantes, com idades entre 10 a 49 anos, encontrava-se em idade laboral, donde pode-se deduzir que tratava-se de imigrantes que ali estavam em virtude dos projetos de imigração e contratação de trabalhadores braçais “brancos”. Segundo consta nos dados censitários do *Centro de Estudios Demográficos* da Biblioteca José Martí, as idades laborais de mais de 15 e menos de 45 anos

ocupam mais de 80% da população levantada em Cuba naquele momento entre os anos de 1880 a 1899.

QUADRO V  
População masculina segundo as profissões

PROFISSÕES	N º DE PESSOAS
JORNALEIROS	350.517
COMERCIAНTES	46.851
TABAQUEIROS	22.589
criados	18.657
VENDEDORES	14.533
CARPINTEIROS	14.204
VARIADAS PROF.	MENOS DE 6.000

Fonte: *Informe sobre o Censo de Cuba 1899.*

E por fim, no Quadro V, fica evidenciada a enorme incidência de profissionais jornaleiros sobre as demais profissões. Entende-se por jornaleiros aqueles que trabalhavam por jornada. Tratava-se de trabalhadores imigrantes contratados para trabalhar nas fazendas, empresas açucareiras ou tabaqueiras.

Segundo GONZÁLES SUÁREZ, Dominga o objetivo central da imigração para Cuba foi o de ajudar a criar e manter uma massa de desocupados que garantiria uma oferta de força de trabalho superior à demanda. (1889, p. 276) Os imigrantes vinham atraídos, basicamente pelo valor da safra, pela retribuição salarial e pelas vantagens oferecidas pelos idealizadores da política migratória.

Durante diversas campanhas propagandísticas para promover a imigração, no decorrer da segunda metade do século XIX, deu-se ênfase à importação de famílias para trabalharem sobretudo na produção açucareira ocidental cubana, requerendo grandes contingentes de jornaleiros agrícolas para o corte de cana e também para o trabalho no cultivo do tabaco. Isto

motivou a elaboração, por parte da elite açucareira ocidental, de projetos de colonização com famílias, em sua maioria procedentes das ilhas Canárias, bem como contratações ilegais de trabalhadores e de conseqüentes imigrações clandestinas para a ilha de Cuba.

A seguir serão expostos e analisados alguns projetos e solicitações de colonização branca, advindas da elite açucareira e encaminhadas ao Conselho Ultramarino, como pedido de licença para o traslado de emigrantes - em alguns casos, com a exigência de que fossem canários. Outros projetos também de particulares que eram editados em Cuba e publicados nas ilhas Canárias serão apresentados, contendo discursos ilustrativos e carregados de instrumentos coercitivos, com vistas a influenciar a imigração para Cuba. Será, portanto, mais uma tentativa de corroborar nossa tese.

## OS PROJETOS DE CONTRATAÇÃO DE TRABALHADORES ESPANHÓIS

Em 1888, houve um dos projetos mais ambiciosos de colonização “branca” da ilha de Cuba, levado a cabo por Dom Guillermo Shuamann e representantes dos engenhos denominados Broots y Cia e Bueno y Cía. Todos também deram preferência aos *isleños* canários. Bueno y Cia representava um dos grupos com o maior número de engenhos e comprometia-se a dar trabalho a 300 imigrantes. Broots y Cia tinha autorização de outro grupo de proprietários de engenhos para transportar 300 Imigrantes. E, por último, don Guillermo Shumann, requeria uma demanda de 500 trabalhadores. Estes 1.100 *isleños*, segundo relata uma solicitação de 19 de novembro de 1888, feita ao Conselho Ultramarino (HERNANDEZ GARCÍA, 1979, p. 219), haveriam de ser destinados a Cuba, que naquele momento necessitava de mão-de-obra para cultivar mais de duas mil fazendas, sendo que algumas delas foram destruídas pelo fogo e pelas calamidades da guerra dos dez anos, que tinha provocado uma redução da população. Os contratantes do projeto preocupavam-se em colocar bem

claro o tipo de imigrantes que os interessava. (HERNÁNDEZ GARCÍA, 1979, p. 223) Assim diziam

*Pero así como estamos dispuestos a garantizar el trabajo y el bienestar del hombre que venga de la Península, pedimos por nuestra parte que los que vengan sean trabajadores del campo (...) la experiencia – prosiguen – nos ha enseñado que los trabajadores de las Islas Canarias son los que más nos conviene aquí. Y si el gobierno pudiese mandárnoslo de aquellas Islas o de las provincias de Galicia, Asturias y Vascongadas, el éxito sería completamente seguro.<sup>23</sup>*

Em quase todos os documentos que foram encontrados o tipo de imigrante mais reivindicado era o espanhol proveniente das ilhas Canárias. Mesmo neste documento acima citado, embora faça referência a trabalhadores de outras regiões da Espanha, considera os canários os mais “convenientes”. Havia uma preferência por este tipo de imigrante que, além de ser branco, possuía uma larga experiência com o cultivo da terra nas ilhas Canárias.

Em um boletim oficial da província de Canárias, pôde-se conhecer o tipo de contrato que a *Real Junta de Fomento de Población Blanca*<sup>24</sup> celebrava com um elevado grupo de canários. A data deste boletim não foi identificada de forma precisa. Sabe-se que esta Junta atuou em Cuba como órgão que dava assistência aos imigrantes em Cuba. Segundo tal boletim, estes colonos haveriam de ser

*...sanos y robustos, sin defecto corporal ni mental alguno, aunque sea ligero y se conozca que no lo impide trabajar; laboriosos y de buenas costumbres; trabajadores de los talleres o del campo, dándose a estos la preferencia en igualdad de circunstancias. Los varones no han de pasar de cuarenta años, ni*

---

<sup>23</sup> Arquivo Histórico Nacional (Madrid) Libro de Registro de Cuba (Fomento), ano de 1888. Apud HERNÁNDEZ GARCÍA, Julio. *La planificación de la emigración canaria a Cuba y Puerto Rico. Siglo XIX*. In: II colóquio de Historia Canário-americana(1977). Cabildo insular de Gran Canaria, Lás Palmas, 1979, p.. 223

<sup>24</sup> Órgão criado em Cuba que tinha o intuito de cuidar das questões relativas à imigrações, providenciando a divulgação dos projetos migratórios, bem como dando assistência aos imigrantes, encaminhando-os aos locais de trabalho oferecidos em Cuba.

*las hembras de venite y cinco, exceptuándose las casadas que vengan en compañía de sus maridos; entiendiéndose que no se admitirán las que traigan hijos si éstos no tienen al menos diez años cumplidos.*<sup>25</sup>

Os gastos da passagem correriam por conta da Junta. O canário, quando chegasse em Cuba, deveria apresentar-se ao Presidente da “Comissão Branca”, comunicando-se através da imprensa de Cuba a chegada dos passageiros para que pudessem ser contratados pelos interessados. A *Junta de Fomento de Población Blanca* comprometia-se com a proteção destes indivíduos por todo o tempo de seus respectivos contratos. (HERNÁNDEZ GARCÍA, 1979, p. 223)

Houve ainda algumas expedições realizadas por particulares das ilhas Canárias e que têm Cuba como destino. Em seguida apresentamos alguns projetos de embarque promovidos por canários a serviço dos fazendeiros de Cuba. Embora nem todos tenham se concretizado, tais projetos revelam de forma clara os interesses, propósitos e condições oferecidas para a migração dos trabalhadores.

Um exemplo é o contrato de trabalho para Cuba, firmado a partir de 1878, entre um elevado número de trabalhadores canários e o do Sr. Don Luis Duggi, de Santa Cruz de Tenerife – Canárias, representante nas ilhas Canárias do Sr. D. Francisco F. Ibáñez, rico fazendeiro de Havana. Entre as razões que utilizava para justificar a viabilização dos contratos de trabalho com os migrantes, o Sr. Duggi alegava a necessidade de

*remediar en parte la miseria porque hoy atraviesan estas Islas y que amenazadora tomar gigantescas proporciones, conjurando al mismo tiempo la*

---

<sup>25</sup> Boletín Oficial de la Provincia de Canarias, 4 de junio de 1851, num. 68, p. 1. *Apud* HERNÁNDEZ GARCÍA, Julio. *La planificación de la emigración canaria a Cuba y Puerto Rico. Siglo XIX*. In: II colóquio de Historia Canário-americana(1977). Cabildo insular de Gran Canaria, Las Palmas, 1979, p. 223.

*tempestade que se cierre amenazadora sobre la porción más rica del territorio español...<sup>26</sup>*

Nesta ocasião a imprensa canária reproduzia o contrato de trabalho de Ibáñez – Duggi e muitos canários se candidatavam. Ao firmá-lo, o *isleño* comprometia-se a viajar para Havana através da Companhia Transatlântica. Em Cuba, trabalhavam nos estabelecimentos do senhor Ibáñez, por um salário mensal de oito pesos em ouro ou seu equivalente em bilhetes do Banco Espanhol. O valor da passagem, bem como outros gastos suplementares (comida, alojamento etc.) correriam por conta do Senhor Ibáñez. Porém o valor da passagem seria descontado no salário do imigrante (1% ao mês) até cobrir todos os adiantamentos que houvessem sido efetuados. (HERNANDEZ GARCÍA, 1979, p. 234) Em suma, o trabalhador *isleño* não ficava livre do contrato até que quitasse o último centavo devido. Isso normalmente não sucedia senão após longos e duros anos de trabalho.

Ainda segundo o contrato, a jornada de trabalho dos imigrantes canários – compreendidas as de comer e descansar, que seriam três –, em princípio, não poderiam exceder a duração do dia - principiando ao amanhecer e finalizando ao escurecer -, porém, em casos extraordinários tal jornada poderia ser aumentada, segundo previa o contrato. O imigrante canário estaria submetido ainda em todo momento à férrea disciplina do engenho, finca ou estabelecimento. No caso de enfermidade, seria proporcionada a ele assistência médica adequada, porém, não receberia salário enquanto durasse a enfermidade. Por último, uma das cláusulas que o migrante haveria de aceitar era:

*...hace este documento con perfecto conocimiento de que los trabajadores de su clase devengan mensualmente mayor sueldo que el pactado, pero tomando en consideración que por el no sólo recibe*

<sup>26</sup> ARCHIVO HISTORICO NACIONAL (Madrid) Cambreleng (don eugenio) Sobre Colonizacion canária em que intervino 1872. Livro de Registro de Cuba. Sección Fomento. Letra C. num. 3, leg. 94. apud HERNÁNDEZ GARCÍA, Julio. *La planificación de la emigración canaria a Cuba y Puerto Rico. Siglo XIX*. In: II colóquio de Historia Canário-americana(1977). Cabildo insular de Gran Canária, Las Palmas, p. 223.

*el beneficio de obtener los adelantos expresados, sino también de asegurar y trabajos extraordinarios para un año, asistencia en sus enfermedades, alimentación de los niños pequeños y todas las demás ventajas que del mismo se desprenden, renuncia a este exceso de sueldo fijo que eventualmente pudiera ganar. (apud HERNÁNDEZ GARCÍA, 1979, p. 234)*

Assim, tais contratos pareciam revelar uma outra forma de escravidão. Ou melhor, tratava-se de uma forma de semi-escravidão. A diferença é que era com pessoas de cor branca. Havia, explicitamente, todo um processo de exploração de mão-de-obra barata por traz destes contratos, visto que as vantagens eram mínimas aos trabalhadores. Por tudo isso, o canário haveria ainda de agradecer:

*Reconociendo el inmenso beneficio que recibimos al sacarnos de la miseria en que estamos en nuestro país, facilitándonos dinero por medio de este simple documento, contando con nuestra honradez y buena fe, para llevarnos donde podamos asegurar quizás un porvenir, en lo que lejos de utilizarse dicho señor, ni aún tiene en cuenta los siniestros para defunciones y otras causas a que queda expuesto..., acepta la responsabilidad de este documento para él y su familia...<sup>27</sup>*

Sem dúvida que o translado de emigrantes canários para Cuba rendeu benefícios ao Senhor Duggi. Prova disso é que, em poucos meses, esse senhor repetia a mesma operação, ainda que nestas ocasiões como representante da elite açucareira cubana, conforme pode ser atestado em carta enviada por Duggi ao Diretor do periódico *El Constitucional*, das ilhas Canárias. Em tal carta, Duggi resumia mais uma vez as condições gerais dos contratos de trabalho:

---

<sup>27</sup> ARCHIVO HISTÓRICO NACIONAL (Madrid). Libro de Registro de Cuba, (fomento), letra C, num. 3 leg. 94. apud HERNÁNDEZ GARCÍA, Julio. *La planificación de la emigración canaria a Cuba y Puerto Rico. Siglo XIX*. In: II colóquio de Historia Canário-americana(1977). Cabildo insular de Gran Canaria, Las Palmas, 1979, p. 234.

*Quedarán en libertad completa de ajustar su trabajo com quien mejor les convenga, proporcionándoles el Círculo, desde luego, para que no se vean desamparados a su llegada, un sueldo para los hombres de doce duros en tiempo muerto y diez y ocho durante la zafra, con alimentación y asistencia a sus enfermedades. Unicamente deberá firmar un recibo del importe de su paraje a pagar con la parte del jornal que las leyes y circunstancias especiales les permitan.*<sup>28</sup>

Assim, os trabalhadores jornaleiros deveriam fazer um ano de hora extra sem receber o acréscimo salarial devido, uma vez que obtiveram adiantamento no translado e tinham assistência médica. (HERNÁNDEZ GARCÍA, 1979, p. 235) Era como se estes trabalhadores estivessem em dívida com os fazendeiros que os contratavam e tivessem que compensá-los por tal “favor”, e ainda teriam que ser agradecidos não só por isso, mas porque afinal, aqueles fazendeiros os haviam tirado “da miséria em que estiveram submetidos nas ilhas Canárias”, segundo expressão do próprio Sr. Duggi.

Neste sentido, o discurso destes proprietários, implícito nos contratos, em sua grande maioria trazia estratégias ideológicas com vistas a convencer estes trabalhadores a aceitarem e conformarem-se com a exploração da sua força de trabalho em uma situação de semi-escravidão. Sobretudo quando divulgavam, através da imprensa, as “vantagens da imigração”, ao mesmo tempo em que garantiam a permanência, durante longos períodos de tempo, destes trabalhadores em suas terras, uma vez que estes não poderiam sair sem antes pagar a dívida dos adiantamentos obtidos no translado para Cuba.

Outro ambicioso projeto para colonizar a ilha de Cuba com população “branca” foi idéia de um canário chamado José Curbelo, natural de Puerto de la Cruz, e criador da *Asociación Canaria de Beneficencia y Protección Agrícola*, criada em 1872 na cidade de Havana. O próprio Curbelo editou em Havana, em 1882, um folheto intitulado *Proyecto de Inmigración Nacional para la Isla de*

<sup>28</sup> El Constitucional. Periódico de 11 de octubre de 1878, p. 1. *apud* HERNÁNDEZ GARCÍA, Julio. *La planificación de la emigración canaria a Cuba y Puerto Rico. Siglo XIX*. In: II colóquio de Historia Canário-americana(1977). Cabildo insular de Gran Canaria, Las Palmas, 1979, p. 235.

*Cuba y su más fácil realización.* Neste folheto, explicava minuciosamente as características e os motivos da empresa que pretendia levar a cabo.<sup>29</sup>

Segundo tal projeto, José Curbelo pretendia introduzir de 500 a 600.000 indivíduos em um prazo de 10 anos, procedentes de diferentes províncias espanholas. O que em sua opinião serviria para eliminar toda e qualquer idéia separatista e o temor de uma guerra civil na ilha. Curbelo resumia assim o seu projeto:

*Resumiendo este proyecto es eminentemente práctico y tiende exclusivamente a promover la inmigración nacional, ejerciendo el bien de aquellas familias necesitadas que se acojan a él y con la inmigración fomentar la riqueza del país, el bienestar general y las rentas públicas. En la cuestión política puede asegurarse que la subdivisión de la propiedad garantizará la paz de Cuba. Puede resolver convenientemente la cuestión social en lo que se refiere al trabajo agrícola, de un modo equitativo para patrones y patrocinados. Y por último, respeta y defiende los intereses creados, no perjudicando en nada lo existente. Acójalo quien pueda realizarlo y merecerá bien de los hombres de buena voluntad que quieren Patria, Paz y Unión<sup>30</sup>.*

O discurso utilizado por Curbelo deixa transparecer a questão nacionalista inserida naquele momento em Cuba, deixando claro seu comprometimento com os assuntos políticos em voga.

Não se soube ao certo se o plano do canário José Curbelo chegou a se viabilizar de fato, ainda que parcialmente. O que se pode dizer é que obteve um eco favorável na imprensa canária da época. Assim, o periódico *La*

---

<sup>29</sup> JOSE CURBELO. *Proyecto de Inmigración nacional para la isla de Cuba y de la mas facil realización.* La Habana, Imp. O'Reilly, p. 27 apud HERNÁNDEZ GARCÍA, Julio. *La planificación de la emigración canaria a Cuba y Puerto Rico. Siglo XIX.* In: II colóquio de Historia Canário-americana(1977). Cabildo insular de Gran Canária, Las Palmas, 1979, p. 235..

<sup>30</sup> JOSE CURBELO: *Proyecto de Inmigración nacional para la isla de Cuba y de la mas facil realización.* La Habana, Imp. O'Reilly, p. 27 apud HERNÁNDEZ GARCÍA, Julio. *La planificación de la emigración canaria a Cuba y Puerto Rico. Siglo XIX.* In: II colóquio de Historia Canário-americana(1977). Cabildo insular de Gran Canária, Las Palmas, 1979, p. 235..

*Democracia*, editado nas ilhas Canárias o reproduzia na íntegra<sup>31</sup> e o *El Memorandum*, um dos periódicos mais lidos do século XIX, neste mesmo local, fez uma síntese do mesmo, como era de costume proceder com os outros projetos congêneres:

*Aunque en algunas de las apreciaciones del señor Curbelo – comenta “El Memorandun” – no estamos enteramente de acuerdo, nos complacemos en reconocer que le guían nobles fines, los de asegurar y promover el de los españoles que abandonan el suelo natal y se dirigen a América en busca de fortuna. Bajo estos puntos de vista, creemos que el Gobierno y las Diputaciones provinciales deben estudiar detenidamente el proyecto del señor Curbelo, muy digno de tomarse en cuenta. Por lo que hace a la emigración canaria, distintas veces hemos expuesto nuestro sentir: procede respetando el sagrado derecho de todos, combatirlo en su origen, en su causa determinante, que es la falta de recursos que en país encuentran muchos de nuestros hermanos y para ello deben plantearse todos los medios que conduzcan al fomento de la riqueza pública, seguro de que o abandonan los que encuentran justa remuneración a su trabajo.*<sup>32</sup>

Este plano teve êxito especialmente no caso de Cuba. Os dados abaixo confirmam em parte sua concretização, ou de outros projetos semelhantes, pois as notícias que se tinha por outras fontes – periódicos, etc. -, referentes a Cuba como ponto de destino quase exclusivo da imigração canária, foram confirmadas pelas Comendatícias ou licenças de embarque, expedidas pelos assentamentos canários. Assim, das 16.301 Comendatícias (que supõem um total de 23.623 emigrantes) foram contabilizados para Cuba, 14.810 (90,85%). (HERNÁNDEZ GARCÍA, 1979, p. 236)

---

<sup>31</sup> La Democracia. (periódico político, 17 de abril de 1882. num. III. (anoIX) pp. 1.2. : apud HERNÁNDEZ GARCÍA, Julio. *La planificación de la emigración canaria a Cuba y Puerto Rico. Siglo XIX.* In: II colóquio de Historia Canário-americana(1977). Cabildo insular de Gran Canaria, Las Palmas, 1979, p. 235

<sup>32</sup> El Memorandum. Periódico de 1 de abril de 1882. Num. 545 (ano IX) pp. 1.2. apud HERNÁNDEZ GARCÍA, Julio. *La planificación de la emigración canaria a Cuba y Puerto Rico. Siglo XIX.* In: II colóquio de Historia Canário-americana(1977). Cabildo insular de Gran Canaria, Las Palmas, 1979, p. 236

Neste sentido, já se pode perceber o quanto estava organizada a elite açucareira ocidental na implementação da política migratória em Cuba. Suas ações e discursos no momento da contratação dos trabalhadores imigrantes agiram incisivamente no processo migratório, conseguindo, por outro lado, angariar as forças autonomistas em seu favor. Os proprietários e fazendeiros cubanos pensaram na imigração como forma de substituição da escravidão negra. Aplicaram o princípio básico de toda empresa colonizadora que consistia em importar para as colônias mão-de-obra barata a fim de obter maiores ganhos econômicos. Por outro lado, o fato da nova mão-de-obra ser “branca” não implicava um empreendimento muito mais humano que o negócio de importação de negros, em função das duras condições de trabalho a que eram submetidos os novos colonos.

É preciso, porém, ultrapassando a perspectiva vitimizadora da história cubana, bem como uma visão dicotômica entre dominantes e dominados, investigar as estratégias utilizadas nos discursos desta elite açucareira, de forma a encontrar um fio condutor que leve à compreensão de seu envolvimento no processo histórico da formação nacional cubana, bem como da sua articulação com o movimento autonomista.

## A ECONOMIA DO AÇÚCAR E A ÊNFASE DOS DISCURSOS NA INDEPENDÊNCIA ECONÔMICA

Como propósito de compreender o ideal de nação implícito no comportamento da elite açucareira cubana - sobretudo aquela vinculada à porção ocidental da ilha -, é importante analisar alguns dados concernentes à produção açucareira e tabaqueira, já que o açúcar e o tabaco eram os principais produtos da economia cubana.

A elite de proprietários açucareiros e tabaqueiros cubanos orientava uma economia que se pautava, segundo o modelo clássico das relações coloniais, na produção monocultora destinada à exportação segundo as demandas do

mercado externo, bem como na importação de quase todos os demais insumos e bens de consumo. Nesse contexto, segundo a ótica de tais elites, o papel e o raio de ação do Estado deveria ser reduzido, de forma a não colocar empecilhos à atividade econômica e garantir que as relações mercantis desenvolvessem livremente, permitindo que as ações de compra e venda ocorressem onde e como fossem mais proveitosas e convenientes aos seus interesses econômicos. Nesse sentido, a visão do Estado, e mesmo da nação, era uma visão na qual predominava o plano econômico, ou seja, a idéia de que o fundamental seria racionalizar e maximizar os ganhos e as vantagens financeiras que poderiam proporcionar as atividades de exportação. Assim, o ideal de nação tendia a se reduzir ao ideal de uma nação, econômica e materialmente, próspera. Tal ênfase na esfera do econômico se dava, então, em detrimento de outros ideais de nação, incluindo os ideais de uma nação livre e autônoma, conforme veremos mais adiante.

Porém, tais expectativas econômicas das elites de proprietários e produtores cubanos nem sempre eram correspondidas pela corte espanhola. Um exemplo claro foi quando, em 30 de julho de 1882, a Espanha fechou virtualmente as portas de Cuba ao comércio estrangeiro, estabelecendo o monopólio dos produtores peninsulares, sem compensação nenhuma para a colônia.

José Enrique Varona, um intelectual cubano que vivia em Nova York em 1895, expressava as novas idéias que tratariam de germinar uma nova visão a respeito da política espanhola sobre Cuba, abrindo caminho à concretização de uma nova roupagem para o autonomismo cubano. A propósito, dizia:

*Ninguna Metrópoli ha sido más dura, ha vejado con más tenacidad, ha sido más prudente, más sufrida, más avisada, más perseverante en su propósito de pedir su derecho, apelando a las lecciones de la experiencia y de la sabiduría política. Solamente la desesperación ha puesto a Cuba las armas en la mano.* (VARONA, 1895, p. 39)

Acusando a Espanha de haver tratado Cuba como inimiga, diante da aplicação de elevados impostos sobre o açúcar cubano e dos inúmeros obstáculos colocados por meio da legislação econômica imposta à colônia, José Enrique Varona denunciava toda a situação vivenciada em Cuba e acabava por reforçar e propagar o ideal autonomista. Entretanto, em que pese tal descontentamento, o ideal autonomista, abarcado por Varona, não incluía como prioridade, a princípio, a independência política, mas sim em vislumbrar, principalmente, os assuntos referentes às classes produtoras de fazendeiros e agricultores representantes dos assuntos açucareiros. Assim discorria:

*El año próximo pasado las juzgaba el Círculo de Haciendados y Agricultores, corporación la más rica de la Isla, con toda esta severidad: "sería imposible explicar, si esa tarea se intentase, lo que significan las actuales leyes comerciales con referencia a algún plan, o sistema económico o político; porque económicamente son destructoras de la riqueza pública, y políticamente son la causa de un descontento enextingible, y encierran el germen de serias desavenencias". (VARONA, 1895, p. 52)*

E assim, as coisas aconteciam de maneira a explicitar a situação de desvantagem econômica imposta pela Espanha. Autonomistas e elite açucareira trataram de denunciar a situação desvantajosa imposta pela corte espanhola aos cubanos. Em Cuba não existia um só estabelecimento de crédito agrícola. O fazendeiro tinha que recorrer à usura e pagava juros de 18 a 20%. Não havia um regime fiscal benéfico aos proprietários açucareiros. O dinheiro, que produzia a exportação, não entrava nem em forma de importações, nem em forma efetiva. O desassossego chegou a tal ponto, que houve lugares em Cuba onde os agricultores preferiam destruir seus plantios antes que o submetessem ao fisco. (VARONA, 1895, p. 52) Assim, tudo era motivo para levar esta situação ao conhecimento de todos, o que com certeza agiria como instrumento impulsionador do processo independentista, ainda que a independência política não vingasse.

Em 1894 houve uma convocação dos membros do *Círculo de Haciendados* e seus companheiros, inclusive muitos autonomistas de toda a

ilha para realizar uma discussão sobre o estado crítico dos negócios em Cuba. Porém, o governo espanhol encontrou meios de impedir que se reunissem. (VARONA, 1895, p. 62) Com relação a este e outros comportamentos da Espanha, José Enrique VARONA conclui que:

*Cuba es um pueblo que sólo requiere libertad e independencia, para ser un factor de prosperidad y progreso en el concierto de las naciones civilizadas. Hoy es un factor de intranquilidad, desorden y ruina. La culpa es exclusivamente de España. Cuba no ofende, se defende. (1895, p. 64)*

Enrique Varona faz menção a uma suposta independência que nos leva a refletir em que tipo de independência era almejada por ele e em que tipo de independência estava explicitando em seu discurso, ou se tudo se resumia em um intento único. Os ideais implícitos em seus discursos demonstravam uma relação estreita com os interesses econômicos, já que sempre mencionava as questões de prosperidade e progresso relacionadas a situação dos produtores açucareiros cubanos, ainda que revestidos de uma roupagem independentista expondo ideais de liberdade autonômica.

Assim, tanto a elite açucareira quanto os autonomistas foram se fortalecendo na medida em que angariavam instrumentos de combate à política econômica espanhola. Em contrapartida, há quem discorde da ação conjunta da elite açucareira com o movimento autonomista<sup>33</sup>. Luis Miguel GARCÍA MORA (1999, p. 53), ao traçar o perfil sociológico do autonomismo cubano comenta que não se pode afirmar que o partido autonomista seja defensor dos interesses açucareiros da burguesia exportadora. Para ele, os autonomistas defendiam o açúcar porque este representava 45% da riqueza que se produzia em Cuba, mas não porque em seu seio se escondessem os grandes interesses açucareiros.

Todavia, alguns autonomistas eram representantes legais de grandes e médios fazendeiros. E são estes o objeto deste estudo. E assim, GARCÍA

---

<sup>33</sup> Esta questão será discutida mais adiante, no próximo capítulo.

MORA(1999, p.64) ainda ressalta que, em 1899, 50% da superfície cultivada em Cuba era de cana-de-açúcar e que cerca de 50% da população rural cubana era membro integrante do partido autonomista cubano. Conclui-se, portanto, uma relevante incidência da elite açucareira no autonomismo cubano, o que foi, sem dúvida, peça fundamental no processo “independentista”. Com efeito, os próprios dados, referidos por García Mora são ilustrativos desta vinculação entre autonomismo e a elite açucareira.

Outro aspecto de importância a considerar é a participação e envolvimento dos Estados Unidos na economia açucareira cubana, bem como os interesses de setores políticos e econômicos daquela nação do norte, desde a segunda metade do século XIX, em anexar a ilha Cuba, incorporando-a aos seus domínios. A tese do anexionismo, por seu turno, teve assim um papel importante no debate ideológico que acompanhou o intrincado processo de independência cubana. Manuel Quesada, um insurreto natural de Puerto Príncipe, porém de posição anexionista, assim relatava em um discurso pronunciado por ele aos seus concidadãos em dezembro de 1868, alertando-os sobre o fato de que três séculos de prisão e opróbrio não bastaram para fazê-los escravos da tirania da corte espanhola<sup>34</sup>. Em seu discurso Quesada alertava:

*Doce años de guerra contra la injusticia y la tiranía, añadia, me autorizan con los honores de ciudadano general del ejercito mejicano ; y pródigo siempre en ofrecer mi sangre à la patria, os traigo con mi espada elementos suficientemente poderosos para derribar con vuestros esfuerzos este trono tiránico, origen de vuestra servidumbre, y al que hasta hoy habeis estado encadenados. Vuestra guerra no es contra los españoles, sino contra su gobierno despótico. La bandera de la libertad no desconoce ninguna nacionalidad: à su sombra encontrarán protección los intereses y los hombres de todas las naciones. Sus amigos son nuestros amigos, sus enemigos los enemigos de la patria. Nuestro lema es unión e independencia. Con unión seremos*

---

<sup>34</sup> (QUESADA, Manuel. *Los guajiros – cayo-romano- expedicion de Quesada – rivalidades Napoleón arango se nombra a Quesada general em Jefe, 1868.* apud, (PIRALA, Antonio. *Guerra de Cuba. Tomo I, 1895, p. 366)*

*fuertes. Con unión seremos invencibles. Con unión seremos libres. Viva la América libre*<sup>35</sup>.

Na citação acima não fica claro que a “união” referida por Quesada é entre Cuba e os Estados Unidos. Porém, foi este o lema disseminado como instrumento de combate ao domínio espanhol na Ilha de Cuba, sendo os Estados Unidos a Nação em que Quesada e outros insurretos de postura anexionista apoiaram-se. Havia um claro envolvimento e integração dos Estados Unidos na questão açucareira cubana. Porém, os interesses dos Estados Unidos, embora tenham agido como impulsionadores do processo de independência cubana, iam além dessa independência, uma vez que visavam o domínio econômico e político da Ilha de Cuba. A idéia do anexionismo apresentava-se reiteradamente, para alguns grupos econômicos e políticos estadunidenses, enquanto uma possibilidade real.

Em um manifesto feito na cidade de Puerto Príncipe em 4 de julho de 1881, elaborado por Joaquín de Aguero, Francisco Aguero Estrada e Ubaldo Arteaga Piña, a tese visando a união era assim explicitado:

*Acaso los peninsulares que han venido a Cuba casarse con nuestras mujeres, que aquí tienen sus hijos, sus afecciones y sus propiedades, desconocerán la justicia de nuestra causa, y prescindirán de las leyes de la naturaleza, para ponerse de parte de en gobierno, que los opime como a nosotros y que no les agradecerá el sacrificio, ni podrá impedir con su ayuda el triunfo de la Independencia de los cubanos? (...) Los peninsulares que honran y enriquecen nuestro suelo, y que por los títulos del trabajo tienen tanto derecho a su conservación como nosotros, (...), y que jamás los han hecho responsables de la perversidad de unos pocos, ni de las iniquidades de un gobierno (...) nada sería más conforme a los votos de nuestro corazón, ni a la gloria y ventura de nuestra patria, que la cooperación de los peninsulares en la santa obra de libertala (...) en las filas de la Independencia debemos contar a todos los hijos libres de Cuba, cualesquiera que sean los*

<sup>35</sup> (QUESADA, Manuel. *Los guajiros – cayo-romano- expedicion de Quesada – rivalidades Napoleón arango se nombra a Quesada general em Jefe*, 1868. apud, (PIRALA, Antonio. *Guerra de Cuba*. Tomo I, 1895, p. 367.

*matices de su raza, a los valientes de la américa del Sur que habitan este suelo y que ya han experimentado la fuerza y el comportamiento de los tiranos, a los fuertes isleños de las Canarias, que aman a Cuba como su patria*<sup>36</sup>.

Na citação acima, o discurso tem o propósito de convencer os peninsulares residentes em Cuba a aliarem-se aos cubanos contra o domínio espanhol, o que de certa forma abriria os caminhos a intervenção estadunidense no processo independentista. Na verdade estiveram retratados estes discursos de forma nacionalista, bem como uniam diversas variáveis inseridas no processo, onde os imigrantes espanhóis eram utilizados como formadores da nação cubana e como força de combate à dominação da Corte Espanhola sobre os negócios de Cuba.

Por fim, encerramos este capítulo após termos feito uma tentativa de explicitar o modo de atuação da elite açucareira ocidental em benefício do cumprimento de seus interesses particulares em conjunto com alguns grupos autonomistas. Os dados censais e outros vieram como forma de corroborar esta análise, bem como os discursos expostos puderam de certa forma contribuir à compreensão deste intrincado ideal de nação dos grupos açucareiros e autonomistas de Cuba. A seguir, no próximo capítulo, serão abordados o ideal comum de nação entre autonomistas e a elite açucareira ocidental cubana.

---

<sup>36</sup> apud, PIRALA, 1895. p. 845-848)

## Capítulo IV

### **AUTONOMISTAS E ELITE AÇUCAREIRA OCIDENTAL: UM IDEAL COMUM DE NAÇÃO**

#### DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES DA NAÇÃO CUBANA

Em Cuba, a tentativa de forjar uma Nação, por parte da elite açucareira e autonomistas, obteve ressonância através dos discursos e representações disseminados a respeito da temática da identidade nacional. Os discursos e práticas de incentivo a imigração, elaborados por estes grupos, em análise neste estudo, trataram de selecionar o que entraria e o que ficaria de fora da Nação. A elite açucareira ocidental e os autonomistas que a ela se aliaram, atribuíram um papel especial aos imigrantes na construção da Nação cubana. Assim, faremos, neste capítulo, uma breve visualização do discurso nacional implementado por estes dois grupos, identificando a forma em que estiveram articulados e representados em Cuba.

Em todo discurso nacional há uma estreita articulação entre os níveis particular e universal. Na verdade, há o pressuposto, consciente ou não, de que os interesses particulares dos sujeitos de tais discursos devam subordinar e representar os interesses coletivos da nação como um todo. Nesse sentido, tais discursos constituem construções intelectuais que, atuando

ideologicamente, fazem prevalecer determinados valores e práticas como consensuais. Nesse contexto, independentemente se tais valores e práticas são bons ou maus, o que importa mais é o fato de que eles são “nossos” e integram uma “consciência nacional”.

O processo de construção da nação cubana, analisado em sua dimensão ideológica, não fugiu a tal regra. Os discursos e práticas dos grupos sócio-econômicos aqui em estudo, quais sejam, elite açucareira ocidental e autonomistas, corroboram esta ideologia do nacional, ao tentarem exatamente apresentar seus interesses eminentemente particulares como sendo os interesses de toda uma nação cubana.

Na verdade, houve uma tentativa de se consolidar uma identidade coletiva que não incluía, nas mesmas condições de igualdade e sem qualquer hierarquia, os vários grupos étnicos que dela faziam parte. Enquanto chegava-se mesmo a exclusão total de certos grupos, o “elemento branco” era invocado como o sujeito privilegiado e representativo da cultura nacional. Era o sujeito cultural que deveria moldar e unificar a nação em construção. A política migratória planejada e executada por parte da elite açucareira ocidental, bem como as ações e discursos dos autonomistas cubanos refletiram muito bem tal concepção. Um exemplo, como foi visto no processo de contratação externa de mão-de-obra por essas elites, foi a preferência clara pelos imigrantes canários<sup>37</sup>. Enquanto espanhóis “brancos”, eram tidos como plenamente capacitados para formarem a nação cubana almejada.

Obviamente que os interesses dessas elites não se restringiam a esta ideologia nacional, visto que a necessidade de mão-de-obra barata era também um fator de grande peso quando se tratava dos critérios definidores das políticas migratórias. Em que pese isso, é notório, contudo, que tais grupos em estudo sustentavam um ideal comum de nação e atuavam de forma mais ou

---

<sup>37</sup> A preferência pelos imigrantes canários explicava-se não só por serem de cor branca, mas sobretudo por possuírem experiência no trabalho agrícola, visto que era a atividade predominante naquelas ilhas.

menos conjunta em benefício da construção de uma nação cubana predominantemente branca, ainda que dependente.

O antropólogo jamaicano radicado na Inglaterra, Stuart Hall, a propósito das culturas nacionais, considera que elas

*são compostas não somente de instituições culturais, mas de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso, uma maneira de construir significados que influenciam e organizam tanto nossas ações quanto nossas concepções sobre nós mesmos. As culturas nacionais constroem identidades ao produzirem significados sobre a “nação” com a qual podemos nos identificar. (HALL, 1997, p. 55)*

Assim, Hall esboça a natureza destes processos de construção nacional carregados de ideologias formadoras de concepções. Este autor enfatiza a importância dos significados, símbolos e representações, no processo de construção da identidade nacional. Assim, em Cuba a construção da Nação é passível de ser compreendida com base nas afirmações elaboradas por Stuart Hall, na medida em que havia todo um processo de difusão de concepções eugênicas através dos discursos e práticas políticas de incentivo a imigração.

A representação da nação cubana, elaborada por suas elites, como uma nação espanhola branca, foi acompanhada, entretanto, de algumas políticas e práticas eugênicas na tentativa de um suposto “aperfeiçoamento” e “melhoramento” racial e genético da população, pela introdução e miscigenação com o elemento branco europeu. A origem desse fenômeno não corresponde propriamente ao período aqui tratado, sendo bastante anterior. Porém, manifestou sua forma mais acabada e radical nesse momento crucial de discussão e definição do perfil geral da nação cubana em construção. A seguir, no próximo tópico, tentaremos identificar e analisar os critérios e as circunstâncias para a invocação desse ideal de uma nação branca.

## A EUGENIA E OS PROJETOS DE IMIGRAÇÃO BRANCA

A questão da eugenia sempre esteve presente na História cubana e as concepções racistas foram uma constante, sobretudo no momento de formação nacional em Cuba. Faremos, então, um breve esboço de toda sua trajetória, objetivando uma aproximação àquelas formas em que apareceram representadas no discurso de alguns de seus adeptos.

O processo de eugenia evidenciado em Cuba teve início na primeira década do século XIX, quando da formação, em 1812, da Sociedad Económica de Amigos Del País e da Comisión de Población Blanca<sup>38</sup>, que a partir de 1818 passou a se chamar Junta de Población Blanca. Esta comissão ficou constituída por José Ricardo o'Farril, Juan Montalvo, Andrés Jairegue, Tomás Romary e como assessor Antonio Del Valle Hernández (NARANJO OROVIO, 1996, p. 45)

Numa tentativa de estabelecer as bases culturais e demográficas da identidade cubana, buscando vias alternativas de interação e entendimento com a Espanha, mediante sobretudo o instrumento da imigração de trabalhadores e de famílias brancas, houve em Cuba no século XIX um amplo movimento político e cultural desenvolvido pelos chamados reformistas, que teve como figura principal José Antonio Saco. (NARANJO OROVIO, 1996, p. 85)

O projeto reformista de Saco, um anti-escravista como os liberais, defendia a necessidade de introduzir mudanças gerais no âmbito tanto da agricultura cubana, bem como no sistema de plantação e, consequentemente, da escravidão. Em linhas gerais, tal projeto previa: a) convencer os fazendeiros de que a produção do açúcar era possível fora do sistema escravista; b) persuadir a elite açucareira da década de 1830 da necessidade de se separar o

---

<sup>38</sup> Estas instituições trataram dos assuntos relacionados ao traslado dos imigrantes, do destino destes quando aportavam em Cuba, bem como dos seus direitos e obrigações. Na verdade atuaram fortemente junto a política de eugenia.

trabalho manual do fabril na produção da cana-de-açúcar; c) dividir a principal indústria do país entre colonos, agricultores e grandes fazendeiros.

Por outro lado, na década de 1830, quando já se iniciava em Cuba um movimento de oposição ao contrabando de escravos, começou a tomar forma um sentimento de certo “temor” em relação ao negro, ou mais precisamente, de temor de uma sublevação geral negra, sobretudo entre os elementos da classe dos fazendeiros, onde tal idéia encontrou-se bastante arraigada. (LE RIVEREND, 1965, p. 350)

A partir da década de 1840, o número de escravos foi progressivamente decaindo de forma a permitir que, ainda na primeira metade do século XIX, se concretizassem os primeiros planos de colonização “branca” da ilha, que visavam atrair milhares de camponeses e artesãos da península e das ilhas Canárias. Já vimos anteriormente o quanto que, em tais políticas de imigração, foi decisivo o papel dos fazendeiros e da elite açucareira cubana ocidental.

Porém, apesar de certo êxito das medidas adotadas para reduzir proporcionalmente os negros na sociedade cubana, tal política estava longe de se constituir uma unanimidade mesmo no seio da elite açucareira ocidental e sobretudo a oriental. Havia fazendeiros que todavia apreciavam as qualidades do trabalho negro. Por exemplo, o administrador da colônia de Guibaro, Sr. p. M. Beal, assim se expressava, em 1889, quando do início dos preparativos para o cultivo da cana-de-açúcar naquela colônia:

*Durante la zafra prefiero las negras y les pago los mismos sueldos que se le pagan al mejor obrero, porque las negras son las más constantes y por lo general hacen su trabajo muy bien y cada una de ellas hace, también, que su marido cumpla su deber, lo cual constituye en detalle muy importante. Después prefiero al negro, porque generalmente es un trabajador más constante que el blanco ó el mulato natural del país, la mayor parte de los cuales son adictos al juego y no puede dependerse de ellos de día en día. Para cargar la caña en los carretones, arar, zanjear, reparación de caminos y trabajos de vía ferrea son preferibles los canarios y españoles. Están ya acostumbrados à esta clase de*

*trabajo, són mas constantes y no tienen tantos vicios. (...) Los canarios y los españoles fuman cigarrillos y por tanto resultan peligrosos en los cañaverales. (BEAL, 1889, apud NARANJO OROVIO, 1996)*

A citação acima vai em sentido contrário ao que temos afirmado neste estudo. Todavia, cremos na pertinência em mantê-la visto que ainda que a grande maioria ocidental mantinha-se unânime, no combate ao negro, havia sempre uma ou outra exceção.

Com o início da Guerra dos Dez Anos, a partir de 1868, precipita-se o processo de abolição da escravidão até a sua extinção final em 1880. Nos censos de 1861 a 1899 a proporção de brancos é marcadamente maior que a de cor.

Sobretudo com a inserção de novos grupos étnicos, que passariam a integrar a estrutura demográfica cubana, alguns autores preferem denominar este momento, em que a população branca começa a garantir a mão-de-obra em Cuba em detrimento da escrava, visto que eram os primeiros invocados a ocuparem os postos de trabalho em Cuba, como de transição do trabalho escravo ao trabalho livre. Neste período a sociedade “branca” cubana tratou de excluir a população de cor de todas as outras esferas da vida. Os que mantinham um posicionamento contrário a escravidão refletiram inclusive sobre a conveniência de enviar para fora de Cuba os escravos liberados, inspirando-se na política de certos círculos abolicionistas dos Estados Unidos. (NARANJO OROVIO, 1996, p. 14)

Para a pesquisadora Consuelo Naranjo Oróvio, a política populacional, em Cuba, surgiu como modelo alternativo ao escravismo, como imposição da política de “branqueamento”, impregnada de racismo, de pressupostos pseudocientíficos e argumentos biológicos e evolucionistas do século XIX e XX. Para esta autora, o medo da africanidade se converteu em medo de perda da nacionalidade da cubanidade e da assimilação por uma cultura diferente da nacional considerada inferior. (NARANJO OROVIO, 1996, p. 14)

Em uma análise feita por Naranjo Oróvio da Acta de la Primera Conferencia Panamericana de Eugenia y Homicultura de las Repúblicas Americanas, Naranjo Oróvio apresenta uma breve sinopse do projeto de eugenio proposto pelas elites, com ênfase em Cuba, enquanto parte integrante dessa proposta de branqueamento populacional. Esta autora dizia que

*Para los eugenistas los blancos eran la raza que había alcanzado un mayor grado de civilización, aquella a la cual se debían los adelantos del mundo, y por donde la que debía ser introducida. La inmigración no sólo sería un factor de progreso y de civilización, sino que contribuiría al mejoramiento de la población nativa. El branqueamiento de la población tan perseguido y ansiado en el siglo XIX en muchos países latinoamericanos y de forma especial en aquellos que, como Cuba, tenían una amplia población de color, seguió siendo una obsesión para los eugenistas y otros científicos del siglo XX. La unión de los inmigrantes blancos conciencia las poblaciones nativas además provocaría un mejoramiento de los valores intelectuales, espirituales y morales. (NARANJO OROVIO, 1996, p. 28).<sup>39</sup>*

Segundo a proposta de eugenização, a entrada de imigrantes brancos potencializaria um branqueamento da sociedade cubana, o que melhoraria sua cultura graças às relações entre etnias de matriz racial branca. Assim, o processo migratório de população branca passou a ser estimulado pela elite açucareira em conjunto com alguns autonomistas eugenistas, como já temos mostrado nos capítulos anteriores onde explicitamos os discursos, contratos de trabalhadores brancos e projetos de imigração. Assim, o ideal comum de nação branca e homogênea que ambos partilhavam foi expressado neste estudo.

Após o final da escravidão, em 1886, Cuba tinha uma população negra significativa, que formava a porção afro-cubana da ilha. Essa realidade tornava Cuba mais próxima da realidade caribenha, distanciando-se do modelo cultural europeu, pretendido pela elite açucareira ocidental.

---

<sup>39</sup> Actas de Primera Panamericana de Eugenia y Homicultura de las Repúblicas Americanas. Havana: Governo de Havana, 1928.

*Desde inicios del siglo XIX la sacarocracia criolla de Cuba expresó una preocupación muy seria con respecto al hecho de que la gran cantidad de esclavos que estaban siendo introducidos determinaría a medio plazo un peligroso desbalance entre el número de pobladores blancos y negros. Fue ésta una razón más para que la Junta de Fomento y la Real Sociedad Económica promovieran proyectos y organizaran instituciones destinadas al fomento de la población blanca. (MORENO FRAGINALS; MORENO MASÓ, 1990, p. 484)*

O projeto de eugenização, tanto em Cuba como de resto em toda a América, tornou-se um marco das elites americanas ao final do século XIX. Contudo, a proposta de branquear a sociedade implicava para além de seu caráter econômico e demográfico. Dessa forma, a política de branqueamento acabou sendo uma proposta adotada pela elite açucareira ocidental, não encontrando ressonância dentro da própria sociedade cubana, independentemente dos esforços oficiais acerca da implantação desse projeto.

Porém, não está em discussão, neste trabalho, que fim levou esta política migratória, bem como as consequências sócio-culturais ou o elemento étnico que acabou por prevalecer em Cuba. Pretende-se abordar apenas o discurso nacionalista e a intencionalidade da elite açucareira ocidental, em conjunto com os autonomistas cubanos, de levar a cabo seus ideais de nação. Como tal elite atuou para implementar uma política migratória e difundir seu ideal comum de nação, em benefício de seus interesses, utilizando-se de estratégias coercitivas e unificadoras próprias de momentos de formações identitárias nacionais.

Assim, as manifestações de eugenização foram constantes em Cuba. Segundo SCOTT (1989), desde 1875, quando da aproximação do fim da escravidão cubana, produziu-se um intenso debate em torno da possibilidade de substituir os escravos afro-cubanos por brancos livres.

*Ejemplo de ello son los proyectos de “Las colonias militares” de Francisco Ibáñez (1881) y el Proyecto*

*Moret (1879) de promover la inmigración a Cuba de 10.000 españoles y canarios, además de 30.000 asiáticos, con el objetivo de bajar los salarios, sustituir la los esclavos libertos, que se creía no trabajarían más..., compaginar la inclinación española por Argentina y Uruguay, y reducir los conflictos sociales generados por los alzados. (GALVÁN TUDELA, 1997, p. 21)*

De acordo com GALVÁN TUDELA (1997), o Partido de la Unión Constitucional apoia a imigração livre, protegida pelo Estado, para cobrir a necessidade de trabalhadores braçais. Por outro lado, o Partido Liberal Autonomista defendia a imigração exclusivamente branca, de preferência por uma imigração familiar, já que esta favorecia a estabilidade social segundo os argumentos utilizados por este último partido. A propósito, SCOTT afirma que:

*Outra forma de inmigración era la colonización con familias enteras provenientes de España y las Canarias. La imagen de la inmigración familiar resultaba atractiva para quienes se oponían por razones raciales y sociales a la inmigración de asiáticos, africanos, o trabajadores libres en familias de las Canarias en tierras tabacaleras de la provincia de Santa Clara; los canarios se encontraban también entre los primeros colonos de algunas centrales azucareras. (SCOTT, 1989, p. 258).*

Mais uma vez pode-se conferir na citação acima a semelhança de interesses autonomistas com relação ao povoamento da ilha pela imigração branca, sobretudo como força de trabalho. Alguns autores, a exemplo de Consuelo Naranjo Oróvio, denominam os fazendeiros cubanos de nacionalistas, visto que, por traz de todo este projeto de imigração implementado na ilha, estiveram atuantes os diversos mecanismos homogeneizantes e progressistas formadores de culturas nacionais. Assim, NARANJO\_ORÓVIO conclui que:

*Fueron los hacendados nacionalistas, apoyados por los españoles, la burguesía hispano-cubana, o insular, quien intentó desarrollar el mercado interior y la producción doméstica mediante la maximalización de los precios del azúcar y la elevación de los salarios. Su carácter nacionalista les*

*indujo a pensar en un solo determinado tipo de inmigración, la blanca, similar cultural y étnicamente a ellos, y con los que conseguir el progreso e integración nacional. (NARANJO ORÓVIO, 1996, p. 29).*

Além da preferência para a imigração branca, mantinham posições radicalmente contrárias à imigração antillana, visto que era de procedência negra.

*Partiendo de consideraciones económicas algunos políticos e intelectuales criticaron la entrada de braceros antillanos como un elemento negativo para la clase obrera del país, que influía de forma directa en el descenso del nivel de vida y capacidad adquisitiva de los trabajadores nativos. En este contexto se les aplicaron otros criterios xenófobos como el de ser causante del aumento del desempleo, de la bajada de los salarios y de usurpar el trabajo a los nativos, sobre todo en la agricultura, sin tenerse en cuenta que las condiciones económicas, que la estructura económica, el latifundio, era el principal causador de la situación creada. (NARANJO OROVIO, 1996, p. 30)*

Assim, a aversão ao negro encontrava-se fortemente enraizada e estes valores eram alimentados na ilha pela elite açucareira ocidental e pelos autonomistas que, em conjunto, reforçaram, através de discursos nacionais, seus ideais de nação cubana “branca” espanhola.

## O IDEAL COMUM DE NAÇÃO DAS ELITES CUBANAS

No decorrer de toda a trajetória em análise neste estudo, buscamos detectar sinais que pudessem de alguma forma confirmar as semelhanças de interesses entre as elites cubanas açucareiras e alguns autonomistas. Isso foi passível de ser corroborado quando reconhecemos que cerca de 50% dos membros dirigentes autonomistas eram também produtores açucareiros. Já vimos todavia, todo o percurso ideológico pelo qual a Nação cubana sofreu no

advento de sua formação, onde estas elites ocuparam papel decisivo nas transformações demográficas, sociais e ideológicas operadas em Cuba.

Toda a história política daquele tenso período não só de guerras de independência mas de afloramento de uma Nação contou com a ação destes grupos, que buscaram converter a herança histórica racial em um dos pontos centrais de seus programas. Em variadas formas de conceber o Estado houve um ponto de partida comum e uma preocupação central: o tipo de população sobre o qual este Estado deveria se erigir. O foco era a questão da manutenção da homogeneidade, da pureza racial, da herança ibera, em suma, um conjunto de princípios que, no fundo, eram excludentes do elemento negro. (NARANJO OROVIO, 1996, p. 14)

Tais idéias materializaram-se em Cuba sob a forma de projetos e ações de contratação de trabalhadores braçais brancos, bem como pela difusão de ideologias racistas, tudo isso dentro de um grande projeto nacional desenhado pelas elites açucareiras e que encontrava total apoio no seio das forças autonomistas.

Assim, a construção de imaginários nacionais em Cuba esteve sistematicamente fundamentada em princípios racistas, ou seja, a nação branca almejada responderia aos anseios da nacionalidade cubana preconizada. Esta foi assim forjada a partir de critérios eminentemente biológicos e raciais, assentada em teorias pseudo-científicas modernas, que conferiam ao negro uma posição de inferioridade na hierarquia social.

Tal imaginário era construído e difundido com base na articulação entre nacionalidade e raça, atuando como o eixo das relações políticas, sociais e culturais. Buscava-se uma unidade racial como símbolo e fundamento da nacionalidade pretendida equiparando-se, assim, raça e nação. A coesão nacional pretendida apoiava-se, dessa forma, na unidade racial, uma unidade excludente, já que os projetos de nação tendem a ser homogeneizadores mediante certas exclusões de diferentes. Tais conceitos de raça, nação e nacionalidade expressaram-se nos projetos de migração branca. Sobretudo,

estes conceitos projetaram-se no decorrer do século XX tanto em esferas sociais e culturais como na política em que os autonomistas estiveram presentes, revelando sua notável influência.

O mito do homem branco, que a princípio equiparou-se ao hispano ou espanhol, como o único portador de cultura e civilização tratou de moldar a cultura popular e permeou toda a sociedade cubana, bem como a outros elementos que se foram incorporando de fora desde os Estados Unidos, ou através dos imigrantes procedentes de diferentes zonas e diferentes culturas.

Para Consuelo NARANJO ORÓVIO (1996),<sup>1</sup> um aspecto interessante a ser observado em todo processo da construção de imaginários nacionais, são os interesses que estão em jogo e a que objetivos ou razões respondem, nos momentos em que são produzidos. Para a autora, a criação de imaginários é paralela e simultânea ao mesmo tempo as vezes se sobrepõem uns com os outros e compartilham terrenos comuns.

Com efeito, a imagem da sociedade que se queria transmitir era a de uma sociedade integrada, homogênea e capaz de assimilar como seu cada um de seus componentes, incluindo os outros elementos externos que foram incorporando-se, advindos da Espanha e depois dos Estados Unidos, bem como os imigrantes procedentes de distintas zonas e portadores de diferentes culturas, ainda que, em sua maioria, brancos. Todavia tratava-se de uma imagem ideológica e falsa, uma vez que não se assimilou todos os componentes que estas elites propunham. Sabemos que ali haviam negros, afroasiáticos, antilhanos e outros, ainda que o número de brancos fosse superior aos demais, sem contar com a parte oriental da ilha, onde a cultura negra obteve grande expressividade.

O imaginário criado pelas elites cubanas não só expressava-se de maneira excludente, mas encerrava uma intencionalidade econômica, política e social clara, mas destituída de uma preocupação com as consequências que poderiam derivar a formação multiétnica de Cuba e, sobretudo, a falta de integração entre “negros e “brancos”. A desunião decorrente da forte divisão

que impunha a cor da pele, era um dos elementos que contribuíam para a debilidade e falta de coesão interna de Cuba, criando-se um terreno fértil para a propagação das idéias anexionistas e, ao mesmo tempo, consequentemente, comprometendo ou limitando o ideal de independência política que, pela lógica, deveria ser o alvo central do modelo autonomista cubano.

As guerras de independência cubanas puderam vincular-se com as lutas sociais, revestidas de uma forte reivindicação nacional além daquelas de caráter social. Mas no entanto, não foram eficazes a ponto de impedir a intervenção e ocupação norte-americana, que, a pretexto de pacificar a ilha, terminou por impedir que Cuba saísse independente da guerra. Foi frustrada, assim, a guerra de independência de Cuba pela intervenção das tropas dos Estados Unidos, sob o respaldo dos proprietários açucareiros e com amplo apoio das forças autonomistas cubanas. Por esta razão, muitos tem caracterizado o autonomismo cubano, fazendo coro às acusações lançadas por José Martí, de oligarca e antinacional.

Neste sentido, ao longo do século XIX, o pensamento político autonomista ia enriquecendo-se com a criação de um corpo ideológico próprio, identificado mais aos anseios açucareiros, ainda que a autonomia fora descartada no decorrer da história cubana, sobretudo na conjuntura reformista e de outros modelos alternativos adotados em Cuba. Com efeito, a conjugação dos fatores anteriores com a crise do modelo de nação estabelecido como imagem da metrópole espanhola, e depois estadunidense, fez com que as teses autonomistas fossem difundidas pelos setores mais interessados em autonomia econômica, porém como se fosse o interesse comum a todos os cubanos, contribuindo à aceitação progressiva deste modelo autonômico, e revelando seu caráter antinacionalista e distorcido Cuba. Desta maneira produziu-se uma imagem que o autonomismo cubano tratou de oferecer a Cuba, dentro de uma dinâmica econômica, em prejuízo do que realmente mostrava seu perfil sociológico, incluindo aí seu caráter excludente com relação a seu papel racista, e mais ainda contra-revolucionário.

Assim, a partir das evidências aqui apresentadas e analisadas, em particular no âmbito dos discursos e ações da elite açucareira ocidental e dos autonomistas cubanos, podemos observar sinais de semelhanças e convergências de interesses entre tais grupos, uma vez que atuaram conjuntamente em favor de uma mesma causa: a de construir ou tentar construir uma nação fundamentada em princípios racistas, deixando transparecer, internamente, o caráter homogeneizante e excluente de seu nacionalismo, e, externamente, a prevalência dos interesses econômicos particulares em detrimento da soberania cubana.

## **CONCLUSÃO**

O fenômeno histórico de formação nacional ocorrido em Cuba, sobretudo na fase correspondente às últimas décadas do século XIX, embora mantenha características gerais comuns aos demais processos de constituição de nações, guarda algumas peculiaridades. Tratava-se de um território e de uma sociedade que eram vistos muitas vezes como uma extensão da Espanha, de modo que muitos projetos cubanos de nação tenderam a se reduzir a uma projeção do modelo espanhol naquela ilha caribenha.

No âmbito deste trabalho, partimos do pressuposto de que há três elementos fundamentais que se encontram intimamente relacionados e articulados com o processo de formação nacional em Cuba, que lhe conferem a sua especificidade e contribuem consequentemente para a sua compreensão, quais sejam: a elite açucareira ocidental, o movimento autonomista cubano e, por fim, os discursos e ações de ambos no inventivo à imigração.

A partir das evidências encontradas em nossas fontes documentais e bibliográficas, podemos corroborar a tese de que, conforme apontam também outros estudos relacionados ao tema, os discursos, programas e ações dos representantes do autonomismo cubano são, em muitos aspectos, convergentes com os mesmos discursos, aspirações e práticas da elite açucareira, sempre pronta para negociar com os governos metropolitanos

matérias de seu interesse econômico. Por tal razão, pode-se afirmar que o autonomismo cubano esteve alinhado com os interesses agro-exportadores, sob certos aspectos e sobretudo em certos momentos e regiões específicos da ilha.

Por outro lado, a elite açucareira cubana, sobretudo aquela ligada à porção ocidental da ilha, que tinha grande representação nas esferas dirigentes do movimento autonomista, foi uma das principais incentivadoras de todo um conjunto de projetos de imigração para Cuba, para atender as demandas de força de trabalho para as áreas açucareiras. Entretanto, houve uma preferência explícita, da parte de tal elite, pelos contingentes de imigrantes de origem espanhola, o que expressava uma clara tentativa de se forjar uma “cultura nacional branca”.

Assim, o ideal de nação cubana imaginado por estas forças tinha como preocupação central o tipo de população sobre o qual se erigiria o Estado, de forma da garantir a homogeneidade, a pureza racial espanhola e, sobretudo, a produção açucareira, deixando em segundo plano, em função de tais ênfases, a soberania da nação. Foi, pois, um processo carregado de contradições e distorções, no qual prevaleceu um jogo de interesses específicos em prejuízo da autonomia e da libertação cubana do controle externo. Tais idéias materializaram-se, em Cuba, sob a forma de contratação de trabalhadores braçais brancos, sob a difusão de ideologias racistas e, em suma, sob o amparo de um “ideal nacional” que encontrava total apoio nas forças autonomistas cubanas.

Porém, convém ressaltar alguns aspectos na abordagem de tal processo. O primeiro deles refere-se às diferenças históricas entre as regiões ocidental e oriental da ilha de Cuba. Não se poderia abordar todo este processo incluindo, numa perspectiva homogeneizante, ambas as regiões, visto que o processo de “branqueamento” ocorreu basicamente na região ocidental da ilha, enquanto que na região oriental o negro ainda persistiu como força de trabalho por um tempo mais longo.

Outro fator foi com relação à unicidade de pensamento, tanto das forças açucareiras quanto das autonomistas. Havia claras subdivisões dentro destas forças. Assim como parte do setor açucareiro permaneceu arraigada à idéia da escravidão como o modelo mais viável ao processo econômico açucareiro, por outro lado, parte dos autonomistas cubanos aderiram à via da independência como o caminho mais viável e correto para a solução dos problemas cubanos e para a construção da nação.

Assim, ressaltamos que o presente trabalho partiu da consideração de tais diferenças e heterogeneidades, delimitando e direcionando o foco de análise de um aponto de vista espacial, para a região ocidental da ilha e, de um ponto de vista dos sujeitos envolvidos, para as camadas da elite açucareira e dos autonomistas que idealizavam a nação cubana branca e que tinham como preocupação central a sustentação dos interesses açucareiros.

Da parte do autonomismo, as evidências nos indicam que este grupo desempenhou um papel parcial e complementar dentro de um projeto nacional mais amplo, na condição de representante de uma classe dominante - na qual se inseriam as elites açucareiras ocidentais -, que sustentava seu ideal de nação no princípio da superioridade cultural da “raça branca” espanhola. Segundo tal perspectiva, a idéia de nação estaria profundamente identificada com a idéia de pureza homogeneidade racial. Tais elementos impregnaram o pensamento autonomista de tal forma que a ênfase nos mesmos acabou se dando em detrimento de um projeto nacional independentista que abrangesse simultaneamente as esferas econômica, sócio-cultural e política.

Nesse contexto, a idéia de nação que surge vem associada paradoxalmente a um sentimento contraditório de conformidade e apego a certos elementos e contingências externos, ora na aceitação tácita do paradigma aceito da nacionalidade espanhola, ora na vacilação diante da proposta de anexação da ilha por parte dos Estados Unidos. Em qualquer das situações, prevalecia a preocupação central em preservar as aspirações e interesses, sobretudo econômicos, das classes proprietárias e comerciantes de Cuba.

Tais idéias tiveram, no geral, um forte apoio no seio da intelectualidade e dos meios de imprensa, que, mediante o argumento da necessidade e vantagens inevitáveis do “progresso” econômico e material, e influenciados pelas doutrinas sociais difundidas à época – darwinismo social, evolucionismo e positivismo - expressavam uma decidida vontade de assumir e contribuir para a modernização de Cuba. Um projeto de modernização que se caracterizava principalmente pelo seu caráter elitista, moldado segundo os interesses de uma minoria proprietária e apresentado como um projeto comum a toda a nação. É na adesão incondicional a tal projeto que a maior parte do movimento autonomista assume posições contra-revolucionárias ou anti-independentistas, diante do receio de que tais posições pudessem comprometer o ideal modernizador.

Com relação ao processo de formação nacional, bem como a política migratória, percebe-se uma nítida despreocupação por parte daquelas forças autonomistas e proprietárias com as consequências e conflitos que poderiam ser gerados com a integração artificial entre brancos e negros. Houve, acima de tudo, uma outra negligência quando se expôs a grande massa de trabalhadores imigrantes a uma situação de semi-escravidão, ainda que muitos deles, todavia, tenha tomado tal decisão de se aventurar em terras alheias de forma relativamente consciente e voluntária, não como meros indivíduos passivos diante de deliberações que lhe teriam sido impostas.

Assim, a elite açucareira ocidental e o movimento autonomista atuaram forma articulada e complementar, constituindo-se em co-partícipes de um esforço comum de construção da nação cubana, segundo os seus princípios e interesses particulares. A fim de angariarem forças para efetivarem tal projeto, utilizaram-se de instrumentos de propaganda, dos veículos de informação e comunicação, bem como da contribuição de setores influentes da intelectualidade para disseminarem seus discursos e seus idéias, contando inclusive, em certo momento, com a própria influência e ajuda estadunidense.

Tal articulação se deu em nome de um ideal homogeneizador de nação, a partir de uma premissa eminentemente racista, que se pretendia efetivar por

meio dos projetos de imigração branca espanhola. Segundo o imaginário social acerca da nação que se queria difundir, a nação branca é que corresponderia aos verdadeiros anseios da nacionalidade cubana, de modo que o elemento negro - e sua cultura, ambos tidos como inferiores - ficaria definitivamente excluído enquanto sujeito da identidade nacional. Era nítida assim, em tal projeto, a articulação – ou mesmo a fusão clara - entre nacionalidade e raça, esta última vista como fundamento central norteador das relações políticas, sociais e culturais.

Nosso esforço, no âmbito deste trabalho, foi exatamente de compreensão das circunstâncias históricas – portanto, políticas, econômicas e sócio-culturais - de produção de tal imaginário, bem como os interesses que estiveram em jogo e a que objetivos e razões respondia. Um imaginário que, em que pese apontasse para um ideal de nação, por todas as razões acima, atuou contraditoriamente no sentido contrário ao ideal de soberania nacional.

A tendência era fazer com que as idéias autonomistas figurassesem como universais e necessárias, válidas para a sociedade inteira, já que os autonomistas tinham o poder e os instrumentos para influenciar a consciência dos demais estratos e classes sociais de forma a expandir tornar hegemônicas as duas idéias. Foi um esforço por sistematizar e expressar ideologicamente a realidade social e cultural cubana, dividida pela cor da pele, a partir do ponto de vista da racionalidade econômica autonomista, fundando em tal representação seu ideal de nação.

Por fim, no longo processo de libertação nacional de Cuba, verifica-se a força contundente das variáveis econômicas em detrimento da soberania. Entretanto, em que pese as limitações e contradições do movimento autonomista, amarrado aos interesses açucareiros, e o enfraquecimento em seu seio do ideal independentista, persistiu em seus discursos e ações um certo ideal de nação, ainda que, nas condições propostas, dependente, excludente e homogeneizadora. Eis aqui a essência do ideal comum de nação do movimento autonomista cubano e da elite açucareira ocidental expresso em

seus discursos e ações de incentivo à imigração, no período entre as duas guerras de independência cubanas no século XIX.

## **BIBLIOGRAFIA E FONTES**

AGUIRRE CARRERAS, Sergio. **Seis actitudes de la burguesia cubana en el Siglo XIX. En Su Eco de Caminos.** La Habana: Editorial de Ciencias Sociales. Filiación con las Teorias, 1974. In: LÓPEZ MESA, E. **Historiografia y Nación en Cuba.** In: NARANJO OROVIO, C. y SERRANO, C. **Imágenes e imaginarios nacionales en el ultramar español.** Colección Tierra e Cielo Nuevo. Consejo Superior de Investigaciones Científicas Casa Velásquez. Madrid, 1999, p.171-195

BARCÍA ZEQUEIRA, M. del C. **La historia profunda: la sociedade civil del 98.** In: revista Temas. Cultura, Ideología e Sociedade. Nueva Época. Cuba. n. 12-13, 1998, p. 27-33.

CASTELLANOS TAQUECHEL, J. **Tierra y nación.** Santiago de Cuba. Maníguia, 1995, p. 12-23.

CONTE, F. A. **Las aspiraciones del Partido Liberal de Cuba.** La Habana:Imprenta de A. Álvarez y Cía, 1892, p. 17. In: ESTRADE, Paul. **El autonomismo criollo y la nación cubana (antes y después del 98).** In: NARANJO OROVIO; SERRANO, C. **Imágenes e imaginarios nacionales en**

**el ultramar español.** Colección Tierra Nueva e Cielo Nuevo. Consejo Superior de Investigaciones Científicas Casa Velásquez. Madrid, 1999.

CORTÉS ZAVALA, M. T.; NARANJO OROVIO, C; URIBE SALAS, J. A. **El Caribe y América Latina. El 98 en la conjuntura imperial. Tomos II.** México: Universidad Michoacana de Cultura, Gobierno del Estado de Michoacán, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Universidad Michoacana de San Nicolas de Hidalgo, 1999.

CURBELO, J. **Proyecto de inmigración para la isla de Cuba y de la más facil realización.** In: HERNÁNDEZ GARCÍA, Julio. **La planificacion de la emigracion canaria a Cuba y Puerto Rico. Siglo XIX.** In: **II Coloquio de Historia canario-americana.** Cabildo Insular de Gran Canaria. Las Palmas, 1977, p. 202-237

DÍAZ HERNÁNDEZ, Ramón. **Endogamia y minifundismo en Firgas (1845-1861).** In: **VI Coloquio de Historia Canario-Americanana.** Tomo I. Cabildo Insular de Gran Canaria, 1984.

ESTEVEZ Y ROMERO. **En Desde el Zanjón hasta Baire.** La Habana, editorial de Ciencias Sociales, 1974, p. 105. In: ESTRADE, Paul. **El autonomismo criollo y la nación cubana (antes e después del 98).** In: NARANJO OROVIO, Consuelo e SERRANO, C. **Imágenes e imaginarios nacionales en el ultramar español.** Madrid, 1999, p. 155-170.

ESTRADE, P. **El autonomismo criollo y la nación cubana (antes y después del 98).** In: NARANJO OROVIO, Consuelo e SERRANO, C . **Imágenes e Imaginários Nacionais em el Ultramar Español.** Colección Tierra Nueva e

Cielo Nuevo. Consejo Superior de Investigaciones Científicas Casa Velázquez. Madrid, 1999, p. 155-170.

**GARCÍA MORA, L. M. Quiénes eran y a qué se dedicaban los autonomistas cubanos. In: El Caribe y América Latina el 98 en la coyuntura imperial.** In: CORTÉS ZAVALA, María Teresa; NARANJO OROVIO, C.; URIBE SALAS, J. A. **El Caribe y América Latina el 98 en la coyuntura imperial.** Tomo II. Instituto de Investigações Históricas, Universidade Michoacana de San Nicolás de Hidalgo (México), Instituto Michoacano de Cultura, gobierno del Estado de Michoacán (México), Consejo Superior de Investigaciones científicas (España) e Universidade de Puerto Rico, recinto de Río Piedras (Puerto Rico), 1999, p. 53-72.

**GONZÁLEZ SUÁREZ, Dominga .Los jornaleiros temporeros canarios en Cuba durante el primer cuarto del siglo XX.. In: XI Coloquio de Historia Canario-americana,** Tomo III. Cabildo Insular de Gran Canaria. Las Palmas, 1994, 14 p.

**GUANCHE PEREZ, J. Componentes étnicos de la nación cubana.** La Habana: Fundación Fernando Ortiz, Ediciones Unión, 1996.

**GUANCHE PEREZ, J. La imagen diversa del canario en Cuba a través de los grabados del Siglo XIX. In: IX Coloquio de Historia Canario-Americana.** Tomo III. Las Palmas: Cabildo Insular de Gran Canaria, 1990, p. 983-1016.

**GUERRA Y SANCHEZ, R. Azúcar y población en las Antillas.** Editorial de Ciencias Políticas: Instituto Cubano del Libro, La Habana, 1970.

GUITERAS, Pedro José. **Historia de la isla de Cuba.** Tomo III. Ed: cultural S. A. La Habana, 1928.

HALL, S. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP e 1997.

HERNÁNDEZ GARCÍA, Julio. **La planificación de la emigración canaria a cuba y Puerto Rico. Siglo XIX.** In: **II Coloquio de Historia canario-americana.** Cabildo Insular de Gran Canaria, Las Palmas, 1979, p. 202-237..

LE RIVEREND, J. **Historia económica de Cuba.** I La Habana: Editora Nacional de Cuba / Editora del Consejo Nacional de Universidad, 1965.

LÓPEZ CANTOS, A. **Emigración canaria a Puerto Rico em el siglo XVIII.** In: **VI Colóquio de Historia canário-americana.** Tomo I. Cabildo Insular de Gran Canária. Lãs Palmas, 1984, p. 91-112.

LÓPEZ MESA, E. **Historiografía y nación en Cuba.** In: **Imágenes e imaginarios nacionales en el ultramar español.** Colección Tierra Nueva e Cielo Nuevo. Consejo Superior de Investigaciones Científicas Casa de Velásquez. Madrid, 1999, p. 171-196.

LORENZO, Manuel. J. Pereira. **Consideraciones sobre la emigración a Cuba.** In: **V Coloquio de Historia Canario-Americana.** Las Palmas: Cabildo Insular de Gran Canaria, 1982, p. 405-450.

MACÍAS HERNÁNDEZ, A. **La emigración canaria a América.: estado de la cuestión.** In: **X Coloquio de historia canario-americana.** Cabildo Insular de Gran Canaria, Las Palmas, 1992.

MORENO FRAGINALS, M.. **Cuba/España España/Cuba.** Historia Común. Presentación de Joseph Fontana. Crítica Grijalbo Mondadori. Serie Mayor. Barcelona, 1995, 309 p.

MORENO FRAGINALS, M. **El Ingenio: complejo económico social cubano del azúcar.** La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1978, vol. II, p. 28-29.

MORENO FRAGINALS, M. **Hacia una historia de la cultura cubana.** La Habana: Universidad de La Habana, 1986.

MORENO FRAGINALS, M. Y MORENO MASO, J. J. **Ánalisis comparativo de las principales corrientes inmigratorias españolas hacia Cuba: 1846-1898.** In: **IX Coloquio de Historia Canario-Americana.** Tomo I. Las Palmas: Cabildo Insular de Gran Canaria, 1990.

NARANJO OROVIO, C. ; GARCÍA GONZÁLES, A. **Racismo e inmigración en Cuba en el siglo XIX.** Madrid: Doces Calles, CSIC, 1996.

NARANJO OROVIO, C. ; SERRANO, C. **Imágenes e Imaginarios nacionales en el Ultramar Español.** Consejo Superior de Investigaciones Científicas Casa de Velásquez. Colección Tierra Nueva e Cielo Nuevo. Madrid, 1999.

ORTIZ, F. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar.** La Habana: Consejo Nacional de Cultura, 1963.

PABLO RODRÍGUEZ, P. **Modernidad y 98 en Cuba: alternativas y contradicciones.** Temas, 12-13. La Habana, 1998, p. 13-18.

PEREZ MARERO, L. M. **La estructura actual de la propiedad de la tierra y del agua en Canarias – un intento aproximativo.** In: **VIII Coloquio de Historia Canario-Americana.** Tomo I. Cabildo Insular de Gran Canaria. Las Palmas, 1991.

QUESADA, Manuel. **Los guajiros – cayo-romano- expedicion de Quesada – rivalidades Napoleón arango se nombra a Quesada general em Jefe, 1868.** In: PIRALA, Antonio. **Anales de la Guerra de Cuba.** Tomo I, La Habana, 1895. In: cd-rooom clássicos tavera.

RODRÍGUEZ, Ramón Alvarez González ; MATOS, G. M. **Los Canarios en la Cuba de 1860.** In: **X Coloquio de Historia Canario-Americana.** Tomo I. Cabildo Insular de Gran Canaria. Las Palmas, 1992.

RUÍZ, Juan Francisco Martín ; RODRÍGUEZ, M. Del C. **La Natalidad Illegitima en la Emigración Americana.** In: **V Coloquio de Historia Canario-Americanama.** Tomil. Cabildo Insular de Gran Canaria. Las Palmas, 1985, p. 203-217.

SADER, Emir. Cuba, Chile e Nicaragua. **Socialismo na América latina.** São Paulo: Atual, 1992, 84 p.

SANGUILY, Manuel. **Frente a la Dominación española. Escritos Políticos.** Libro Segundo. Molina y Ca Impresores. La Habana, 1941. In: cd-rooom clássicos tavera.

SCOTT, R. J. **La Emancipación de los esclavos en Cuba: la transición al trabajo libre (1869-1899).** Fondo de Cultura Económica. México, 1989.

SERRANO, José María Sanz. **El viraje proteccionista de la restauración. La política comercial española 1875-1895.** Madrid: Siglo XXI, 1987.

TUDELA, J. A. Galván. **Canários em Cuba: uma mirada desde la antropología.** Tenerife: Cabildo Insular de Tenerife, 1997.

VARONA, José Enrique. **De la colonia a la república. Selección de trabajos políticos.** Biblioteca la Cultura Cubana. Dirigida por Carlos de Velasco. Vol. II. Sociedad editorial Cuba Contemporánea. O'Reilly. 1919. In: Cd-room Clássicos Tavera, s/d.

## **CENSOS**

CENTRO DE ESTUDIOS DEMOGRÁFICOS DE LA POBLACIÓN DE CUBA.  
Editorial de Ciencias Sociales, 1976, La Habana.

CUBA. Provincias de ultramar. Población de la isla de Cuba. Puerto Rico.  
Fernando Póo y Arquipélago Filipino, 1877.

CUBA. Provincias de ultramar. Población de la isla de Cuba. Puerto Rico, del  
Golfo de Guinea y Arquipielago Filipino, 1887.

CUBA. Departamento de la Guerra – Oficina del director del Censo de Cuba –  
Informe sobre el Censo de Cuba – Imprenta del Gobierno, 1899, Washington.

CENSO GENERAL DE CUBA. Problemas de la nueva Cuba: Informe de la  
Comision de Asuntos Cubanos. New Cork: Foreing Policy Asociation  
Incorporated, 1935.

CENSO GENERAL DE CUBA. Problemas de la nueva Cuba: Informe de la  
Comisión de Asuntos Cubanos. New Cork: Foreing Policy Asociation  
Incorporated, 1953.

Clássicos Tavera: Censos Populacionais de 1877, 1887 e 1899.

## **ARQUIVOS**

ARCHIVO HISTÓRICO NACIONAL. Sociedad Protectora del Trabajo Español  
las Posesiones de Ultramar. Instancia Presentada en 22 de marzo de 1892 y  
19 de Julio del mismo año por la... solicitando la conducción de 4000  
emigrantes a Cuba. (1394) Libro de Registro de Cuba (fomento), 1394 letra s.  
Num. 156, leg. 175.

ARCHIVO HISTORICO NACIONAL. (Madrid) Libro de Registro de Cuba (fomento) Año 1857, letra E, exp. 75.

## **JORNAIS**

O'REILLY. José Curbelo: Proyecto de Inmigración nacional para la isla de Cuba y de la más facil realización. II Coloquio de Historia Canario-Americanana. La Habana: Ediciones Cabildo Insular de Gran Canaria, 1977.

LA DEMOCRACIA. Periódico Político 17 de abril de 1882. Num. 545 (ano) IX. In: II Colóquio de Historia. Las Palmas. Canario-Americanana. Ediciones Cabildo Insular de Gran Canaria. 1977.

EL MEMORANDUM. Periódico de 1 de abril de 1882. Num. 545 año IX In: II Colóquio de Historia Canario-Americanana. Las Palmas. Ediciones Cabildo Insular de Gran Canaria. 1977.

## **REVISTAS**

ARCHIPIÉLAGO – Revista Cultural Nuestra América 27/28. Manos en el Tabaco. Nulidades Perversas y Nacionalidades Protectoras. María Rosa Palazón Mayoral.

REVISTA DE AGRICULTURA. Havana, año 8, n. 23. 1887.

REVISTA DE AGRICULTURA. Havana, año 8, n. 24, 1890.

PENSAMENTO CUBANO SIGLO XIX. Tomo I. Isabel Monal – Olivia Miranda Francisco. Ciencias Sociales, La Habana, 2002.

PENSAMENTO CUBANO SIGLO XIX. Tomo II. Isabel Monal – Olivia Miranda Francisco. Ciencias Sociales. La Habana, 2002.

TEMAS. Cultura Ideología Sociedad. El 98. Danzar lo Cubano con el arte nuevo. Habrá transición en el exilio? Número extraordinario, 12-13, 1998.

## **DOCUMENTOS OFICIAIS**

Proyecto de Inmigración Nacional para la Isla de Cuba y su más fácil realización. Ideas de Don José Curbelo, natural de Porto de la Cruz, expuestas en una revista o folleto desconocido editado en La Habana en el año de 1882.

Actas de la Primera Conferencia Panamericana de Eugenia y Homicultura de las Repúblicas Americanas. La Habana, 1928.

## **DISCURSOS**

FERNANDEZ DE CASTRO, Rafael. Discurso de 3 de dezembro de 1886 em Puerto Príncipe. Para la Historia de Cuba. I Trabajos Políticos. La Habana, Propaganda Literaria, 1899. In: *Imágenes e imaginarios nacionales en el ultramar español*. Madrid, 1999.

GIBERGA, Eliseo. Discurso de 15 de janeiro de 1895, en el Ateneo de Madrid. Obras 1895. In: *Imagenes e imaginários nacionais em el ultramar español*, Madrid, 1999.

GIBERGA, Eliseo. Discurso de 22 de fevereiro de 1892. Obras. La Habana. Rambla, Souza y Cía, 1930. In: *Imágenes e imaginarios nacionales en el ultramar español*, Madrid, 1999.

GOVÍN, Antonio. Discurso de 11 de junho de 1898. Burgay y Cía, 1898. In: *Imágenes e imaginarios nacionales en el ultramar español*. Madrid, 1999.

GOVÍN, Antonio. Discurso de 9 de janeiro de 1887. Burgay y Cia, 1887. In: *Imágenes e imaginarios nacionales en el ultramar español*. Madrid, 1999.

GOVÍN, Antonio. Discurso, La Habana, Burgay y Cia, 1995. Este discurso foi publicado originalmente em *El Triunfo*. La Habana, del 28 de septiembre de 1878. In: *Imagenes e imaginários nacionales em el ultramar español*. Madrid, 1999.

SANGUILY, Manuel. *Cuba y la furia española*. Discurso pronunciado en Chickering Hall la noche del 27 de noviembre de 1895, en la conmemoración del vigésimo cuarto aniversario del fusilamiento de los estudiantes de medicina de La Habana. S/d. In: Cd-room Clássicos Tavera.